

Crónicas de Manuel Cardona

Colecção Tellus
Câmara Municipal de Vila Real





Câmara Municipal
Presidente
Rui Jorge Cordeiro Gonçalves dos Santos
Vereadora da Cultura
Eugénia Margarida Coutinho da Silva Almeida

Grémio Literário Vila-Realense
Responsável
António Manuel Pires Cabral

Título: *Crónicas de Manuel Cardona*

Autor: Manuel Cardona

(Seleção de textos e introdução de Elísio Amaral Neves)

Na capa: Manuel Cardona, 1925

Colecção *Tellus*, n.º 35

Edição: Grémio Literário Vila-Realense • **Câmara Municipal de Vila Real**

gremio.cm-vilareal.pt • cm-vilareal.pt

Vila Real, 16 de Março de 2017

Tiragem: 300 exemplares

A edição deste livro, no que respeita à obtenção dos textos, não teria sido possível sem a colaboração do Arquivo Distrital de Vila Real

Depósito Legal: 420521/17

Composto e impresso: Minerva Transmontana, Tipografia, Lda. — Vila Real

Crónicas de Manuel Cardona

Colecção *Tellus*
Câmara Municipal de Vila Real



Introdução

A. M. Pires Cabral escolheu, há aproximadamente quinze anos, como título para uma comunicação integrada no Ciclo ‘História ao Café’ sobre o Prof. Manuel Cardona¹, antigo professor do Liceu Camilo Castelo Branco², “Manuel Cardona, pedagogo antes de tudo”³, como forma de valorizar a sua acção e a de toda uma geração de professores que considerava estarem «científica e pedagogicamente muito bem preparados».

Manuel Cardona, na sua última lição, em 1957, referiu que se tivesse de voltar a decidir o seu futuro, percorreria o mesmo

¹ Manuel Ribeiro Cardona (1899-1980) nasceu no lugar de Paredes, freguesia de Cever, concelho de Santa Marta de Penaguião, filho de Augusto Ribeiro Cardona e Maria Emília Bonito, e faleceu na freguesia de Paranhos, concelho do Porto.

Fez o ensino primário na freguesia da sua naturalidade, frequentou o Colégio de Nossa Senhora do Rosário (Vila Real), encerrado por motivos políticos em 1911, e o Liceu de Vila Real, onde terminou o 7.º ano como aluno distinto (18 valores) e o melhor do seu ano.

Frequentou a Universidade do Porto entre 1916 e 1920, licenciando-se em Ciências Matemáticas pela Faculdade de Ciências, e em 1923 terminou o Curso de Habilitação para o Magistério Liceal do 8.º Grupo, pela Escola Normal Superior da Universidade de Lisboa.

² Foi sucessivamente: professor provisório do Liceu Gil Vicente (Lisboa), no ano lectivo de 1920-21; professor provisório do Liceu Alexandre Herculano (Porto), nos anos lectivos de 1922-23 e 1923-24; professor efectivo no Liceu Emídio Garcia (Bragança), nos anos lectivos de 1923-24, 1924-25 e 1925-26; professor efectivo do Liceu Camilo Castelo Branco (Vila Real), desde o ano lectivo de 1926-27 até à sua aposentação em 1957.

Dirigiu diferentes classes e as instalações de Ciências Biológicas do Liceu de Bragança, e de Desenho do Liceu de Vila Real.

Exerceu por diversas vezes funções de vice-reitor e, enquanto tal, substituiu o reitor nos impedimentos deste.

Participou nos primeiros Congressos Pedagógicos de Ensino Secundário Oficial (Aveiro, Viseu e Évora).

Fundou, em 1929, com os Drs. João Botelho, António Feliciano, Sebastião Ribeiro, Major José Maria Cabral Sampaio, Tenentes Aníbal Vaz e Varejão, Dona Amélia Magalhães, Dona Alexandra Araújo e Alberto Passos, a Associação dos Amigos e Antigos Alunos do Liceu de Vila Real.

³ Elísio Amaral Neves e A. M. Pires Cabral, *Vila Real – História ao Café*, 2.ª edição, revista, Vila Real, 2013, pp. 198-201; “Manuel Cardona, pedagogo antes de tudo”, comunicação de A. M. Pires Cabral, 17 de Abril de 2001.

caminho, já que «o professor, como o arquitecto, o pintor, o poeta, o escultor, como todos os artistas puros, tem de nascer aquilo que sinceramente quer ser: tem de nascer artista já. A Escola apenas o aperfeiçoa» — ou o ajuda a decidir, como foi o caso do seu professor de Matemática e antigo reitor, Luís Lobato⁴:

«A ordem, o método, a elegância nobre e a correcção tão lúcida e sugestiva das suas lições, a extraordinária beleza e realce que ele sabia imprimir à aridez aparente das matérias que professava, o trabalho criterioso de investigações e iniciativa próprias que ele despertava e desenvolvia magistralmente nos espíritos mais rebeldes e mais profanos, — orientaram a minha carreira e conduziram-me sem esforço, antes com agrado e com devotado amor, à conclusão satisfatória de um curso.»⁵

A. M. Pires Cabral recordou-o igualmente na condição de jornalista e escritor — poeta, cronista e homem de teatro⁶ —, na sessão de que foi responsável no Ciclo ‘Poesia Trasmontana e Alto-Duriense’:

«É uma poesia bem na linha do chamado lirismo tradicional português, directamente inspirada em poetas como João de Deus e os neogarretistas, nomeadamente António Nobre. Obedece a cânones formais que no seu tempo estavam já a ser abandonados

⁴ Luís Augusto Teixeira Lobato (1854-1925), médico municipal e delegado de saúde distrital, bacharel em Filosofia e professor do Liceu de Vila Real, onde foi reitor; como político, pertenceu ao Partido Regenerador e desempenhou, entre outras, as funções de governador civil do distrito de Vila Real, na década de 1890, de conselheiro distrital e de juiz de Direito substituto.

Também se lhe atribui a influência na fixação da colónia balnear vila-realense na Póvoa de Varzim, praia que Manuel Cardona frequentava.

⁵ M. C. [Manuel Cardona], “In memoriam — Professor Luiz Lobato”, in *O Povo do Norte*, Vila Real, 12 de Abril de 1925, p. 1.

⁶ Em Sanfins do Douro, terra de sua mulher, Maria Luísa Rebelo, com quem casou em 1927 e de quem teve dois filhos — Joaquim Augusto, médico, e Manuel, advogado —, sabemos ter sido durante alguns anos ensaiador de teatro; em Bragança e Vila Real encenou diversas comédias; A. M. Pires Cabral refere ter encontrado no seu espólio duas peças de teatro ainda inéditas.

ou pelo menos minorizados pelos poetas portugueses: o soneto, a quadra ao gosto popular, a rima e a métrica. A própria linguagem é geralmente de grande singeleza. De tudo isto resulta uma poesia fresca, leve, muitas vezes madrigalesca, formalmente cuidada — mas prejudicada pela falta de modernidade e originalidade.»⁷

Para além de poemas dispersos em folhetos de promoção e divulgação de instituições e iniciativas do concelho de Vila Real, folhas avulsas e jornais — onde destacaríamos *O Povo do Norte* (Vila Real), a quem disse ter ficado a dever «uma das primeiras grandes emoções de rapaz», já que aí publicara os seus primeiros versos⁸: «Versos? Sei lá se o eram! Linhas rimadas, sem a música e a técnica que a poesia requer — mas linhas onde eu pus, alvoroçadamente, minha alma toda e a fé que ardia dentro de mim»⁹ —, publicou o livro *Cantares da serra*, em 1923, na Livraria Nacional e Estrangeira — Editora, Porto, com capa do pintor e professor Joaquim Lopes.

Por iniciativa dos seus filhos, editou-se, a título póstumo, em 1984¹⁰, um livro de «quadras de edificação moral e sentido pedagógico escritas entre 1948 e 1950, e dedicadas a seu filho

⁷ A. M. Pires Cabral, ficha do Ciclo ‘Poesia Trasmontana e Alto-Duriense’ dedicada a Manuel Cardona, Grémio Literário Vila-Realense, 9 de Julho de 2009.

⁸ Publicados na “Secção Literária”, a que deram igualmente colaboração, entre outros, os escritores Afonso de Castro, Virgínia Vitorino, Branca de Gonta Colaço, Augusto de Santa Rita, Carlos Cochofel, Delfim Guimarães, Manuel Cardoso Marta.

Na nossa opinião, os primeiros poemas são assinados com o pseudónimo M. da Cumieira (veja-se, por exemplo, *O Povo do Norte*, Vila Real, 21 de Dezembro de 1919, p. 2, e 11 de Janeiro de 1920, p. 2).

No mesmo jornal, em 18 de Janeiro de 1920, na página 2, assina Manuel Cardona e, a partir de Abril desse mesmo ano, assina com a abreviatura M. C.

Não descartamos a possibilidade de Manuel Cardona ter publicado o seu primeiro poema, um soneto com o título “A Ama”, assinado Manuel Ribeiro, no jornal *O Povo do Norte*, de 20 de Outubro de 1918.

⁹ M. C. [Manuel Cardona], “Aniversários”, in *O Povo do Norte*, Vila Real, 27 de Maio de 1923, p. 2.

¹⁰ Neste mesmo ano, por proposta do Dr. Manuel Martins, seu antigo aluno e então vereador da Câmara Municipal de Vila Real, foi atribuído o nome de Dr. Manuel Cardona, à rua de acesso à Escola Preparatória n.º 1 de Vila Real.

Manuel»¹¹, *Cartilha do meu menino*, cuja apresentação foi feita no Liceu Camilo Castelo Branco, numa sessão em que intervieram A. M. Pires Cabral, Eurico Figueiredo e Elísio Amaral Neves.

Para além de poeta, foi um excelente cronista, na nossa opinião o género que melhor o caracteriza como escritor.

Escreveu centenas de crónicas, de que destacaríamos as publicadas no jornal *O Povo do Norte*, na década de 1920 (jornal e década objecto do presente estudo).

Escreveu, repetimos, neste jornal e nesta década, mais de duzentas crónicas — de que seleccionámos 33 —, sobre temas tão diversos como a Mulher, o Amor, os assuntos locais, as notícias, com os dois primeiros temas, a maior parte das vezes, em detrimento dos dois últimos, razão que parece justificar alguma crítica, como a revelada numa crónica em que responde (ou simula responder) a uma leitora que se insurge por ser recorrente a sua preocupação com a Mulher e com o Amor:

«Oiça [responde Manuel Cardona], *miss Violeta*, assunto tenho sempre, quando mulheres como você assim mo vão oferecendo. O meu velho e doido coração é como uma hospedaria de província em dias de festa rija: — improvisa gentilmente aposentos, para as forasteiras lindas, desde o cómodo rés-do-chão, com entrada livre, até às poéticas águas-furtadas...»¹²

Sem pormos em causa que estes são os seus temas preferidos, não podemos esquecer a importância que as crónicas ocuparam como veículo de propagação das suas ideias republicanas. Temas como o aniversário do jornal (republicano; publicado na sequência da Revolta de 31 de Janeiro), a participação do Regimento de Infantaria 13 na Grande Guerra, as revoltas (que analisa com

¹¹ A. M. Pires Cabral, ficha do Ciclo 'Poesia Trasmontana e Alto-Duriense' dedicada a Manuel Cardona, Grémio Literário Vila-Realense, 9 de Julho de 2009.

¹² M. C. [Manuel Cardona], *O Povo do Norte*, Vila Real, 8 de Março de 1925, p. 1.

grande tolerância e compreensão) que antecederam ou sucederam ao 28 de Maio, e Carvalho Araújo, são entendidos pelo jornalista e escritor como exercícios de cidadania, e complemento de acções autónomas, como por exemplo: a criação da Federação Académica do Porto (1919) e a assunção da direcção do seu jornal, *A Nortada*; a publicação de um soneto sobre Carvalho Araújo (1923), como forma de angariar fundos para o monumento a erigir em Vila Real; a presença no funeral de Adelino Samardã, ao lado de José de Carvalho Araújo Júnior e de tantos outros republicanos (1929); a participação na Comissão Distrital de angariação de fundos para o monumento a António José de Almeida (1930); a participação na comissão reorganizadora do Grupo de Adueros n.º 24 “Carvalho Araújo”(1931); a subscrição de alguns manifestos políticos.

Terminamos com uma carta e uma crónica em que se cruzam as preocupações políticas — neste caso, sugeridas pelo Movimento de 3 a 7 de Fevereiro de 1927 —, com temas como a Mulher e o Amor, não sem que antes recordemos que a década de 1930 mudaria a vida e os hábitos do jornalista e escritor, já que entretanto casara, nasceram-lhe dois filhos, assumiu novas responsabilidades no Liceu Camilo Castelo Branco, estabelecimento onde se fixou definitivamente, partilhou a responsabilidade de dirigir ou enquadrar os órgãos sociais de diversas instituições da cidade de Vila Real¹³ e viu acabar o jornal em que colaborara durante aproximadamente treze anos¹⁴.

¹³ Presidente da assembleia geral do Orfeon Trasmontano, no ano de 1930; presidente da direcção do Club de Vila Real, no biénio de 1932-1933; presidente da direcção dos Bombeiros Voluntários de Vila Real, no ano de 1933 (vice-presidente nos anos de 1930 e 1931).

¹⁴ *O Povo do Norte* deixou de se publicar em 1932. É posteriormente editado um número especial com data de 23 de Dezembro de 1934.

A carta é dirigida à sua noiva, Maria Luísa, e está escrita em papel timbrado do Restaurante do Café Luso-Brasileiro, na Travessa 31 de Janeiro, que Manuel Cardona frequentava com regularidade, e foi enviada através de um portador que se encontrava em local próximo do Quartel da 6.^a Divisão Militar:

Maria Luísa

Apressadamente, duas linhas. O homem espera por esta carta. E deixa-me dizer-te: — O nosso intermediário, é correctíssimo. A mim, e só a mim, é que entregaria a tua, a nossa carta.

Bem. Descansa. Deixa, embora, que a revolução continue e nos corte as comunicações. Que importa? Uma ansiedade maior?... mas, minha querida noiva, a certeza de que sou, de que és, de que somos, afinal, aquilo que para sempre marcámos. [...] Por aqui, uma grande ansiedade.

Partiram soldados, e creio que já travaram luta, junto ao Porto.

Vila Real, calma. Aqui, nada há. Descansa, repito-te.

Amanhã vou para a Cumieira. E, para teu castigo, enquanto não puder mandar notícias pelo correio, vou escrevendo dia-a-dia... Depois, será um romance. [...]

*o todo teu
Manuel*

6.^a [4 de Fevereiro de 1927], à noitinha.

A crónica é publicada na secção “Carta Literária”¹⁵ e tem a data da correspondência dirigida a Maria Luísa:

Minha amiga. — Há muito já que não te escrevo. Envio-te apenas as minhas notícias — e tu perdoas —, em circunstâncias extraordinárias da minha vida, num caso extremo, afinal. Não sei se estas linhas chegarão tão cedo às tuas mãos. Os comboios paralisaram a sua vida civil e os correios aderiram tacitamente ao seu quebranto, ao seu amuo.

Esta cidade vive, à hora a que te escrevo, a mais impaciente, a mais nervosa epopeia da sua ansiedade.

Fecharam os teatros —, os teatros todos. O próprio cinema, por ordens superiores, foi obrigado também a encerrar as suas portas. E tenho pena. Queria dizer-te alguma coisa sobre a emoção do décimo-sétimo episódio daquela fita em série. E, assim, não posso...

Há grupos, muito juntinhos, muito intranquilamente calmos, por essas ruas fora.

O que se passa? Eis a grande e interrogativa dúvida!

E contudo, minha amiga, tu adivinhas bem, mulher do século que és, toda a causa desta perturbação, deste nervosismo, desta electrização de alta voltagem.

Os homens não se entendem. Os governos masculinos, mesmo fardados — e estava nestes o último reduto da nossa fé —, arrostando também os seus perigos e vivem horas de intranquilidade e de sobressaltos. O que resta então? Bem o sabes —, e eis a razão do envio destas linhas.

¹⁵ M. C. [Manuel Cardona], *O Povo do Norte*, Vila Real, 6 de Fevereiro de 1927, p. 1.

Um governo de mulheres, de mulheres bonitas —, é bom de ver... Nada de violências inúteis, nem de canhões: — vocês próprias terão o cuidado de fazer a selecção...

E só então a paz, a tranquila e santa paz harmoniosa, voltará aos nossos lares! À continência, sucede o madrigal; às grades das prisões, a cadeia enternecida duns braços de mulher... E a já velha frase: — «isto é descer, Marquesa?» —, será substituída por esta outra, mais deliciosa: — «isto é subir, rapazes!» —

Fev.4

M.C.

[Meu velho Portugal aventureiro]

A semana começou, paradoxalmente, a uma sexta-feira. Os comboios despejaram na cidade, durante todo o dia, uma maré alta de povo crescendo na ansiedade imensa de ver os dois aviadores. A multidão subiu, inundou as ruas, e deu à pacífica capital do Norte a impressão duma movimentada cidade cosmopolita.

Altas horas da noite, uma notícia brusca, veloz como todas as novas de presságio, tomou de surpresa o povo todo: os aviadores já não vinham! Cruzaram-se os comentários, voaram, asas abertas, os boatos. E ao outro dia, como nas legendárias horas dos Penedos, a multidão buscava, numa ansiedade envolvente, notícias da capital.

Nas ruas festivas, os pendões, as palmas, as bandeiras, curvavam-se vencidas, aniquiladas, numa desolação de Outono...

Boas novas enfim! Os homens chegavam no domingo.

Dizer o que foi a recepção, o movimento, a vida deste dia, contar aos que não viram os mil pequeninos nadas que instintivamente, naturalmente nasceram, é impossível.

Há coisas que os nossos olhos, os nossos sentidos, engastam para sempre, e não podem reproduzir ou revelar jamais.

Há factos accidentais, na sua essência tão humildes e tão simples, que a sua própria singeleza impede de os comunicar à escrita. Seria preciso para os traçar a mão d'alguém que não soubesse *escrever*, a mão rústica daquele que nunca se houvesse envenenado em estilos e literaturas de efeitos obrigatórios!

À passagem do cortejo, a algazarra nas ruas foi pequena. Nem d'outra sorte podia ser. O bom povo provinciano que as enchia, desceu da serra e veio ao Porto, como vai para a festa da padroeira lá da terra onde nasceu. E porque a procissão é vista de joelhos

quase, numa emotividade cheia de religiosismo e de silêncio, o povo bom, o povo rude não soube vitoriar os dois marinheiros: admirou-os apenas...

Sabe lá bem o povo o valor da travessia! Conhece apenas que há dois homens que o Porto ia festejar. E foi para a festa que o povo veio.

Das janelas, das varandas acolchoadas, havia lenços brancos, como pombas inquietas, tentando em vão levantar o voo das mãos pequeninas das mulheres que os agitavam, endoidecidamente, perdidamente...

O almirante, a figura mais característica dum velho português, abria os braços e num sorriso de criança, num sorriso franco, num sorriso da nossa terra, agradecia confundido, emudecido de espanto.

O comandante, a quem a glória da epopeia, venceu no seu rosto severo traços leves de vaidade, desprendia a duas mãos, revoadas de beijos. E ah!, como não desprendê-los para as varandas tão engalanadas de mulheres! Valia a pena, valia, ser marinheiro, para ficar eternamente perdido, eternamente náufrago, na tentação profunda duns olhos inquietos de mulher bonita...

Houve réцитas de gala, houve banquetes, houve doutoramentos. Mas a maior consagração fê-la o povo na humildade sincera, na singeleza rústica da sua admiração tão funda!

As ruas à noite tinham um aspecto feérico de mil luzes coloridas. E sobre o quadro negro do céu, no cimo da torre gigantesca dos Clérigos, erguia-se alto a cruz de Cristo, subia a Deus, vitoriosa e triunfante!

Meu velho Portugal aventureiro, país lendário das caravelas e das epopeias e da Saudade, pode um vento de desgraça fazer cair dos seus caules as folhas luminosas dos teus feitos, — que mesmo assim

tombadas, assim dispersas, elas hão-de constituir eternamente a maior história do mundo!

Porto, Dez.

Manuel Cardona

O Povo do Norte, Vila Real, 10 de Dezembro de 1922, p. 1.

[Viagem triunfal dos aviadores ao Norte]

Há sempre em volta dos grandes factos, acções secundárias duma leveza cheia de graça por vezes, que o tempo faz voar de boca em boca, num sorriso de anedota. A vida dos grandes sábios, dos artistas, dos heróis, tem na sua intimidade particularidades curiosas, que certos livros apontam numa inconfidência adorável.

Na viagem triunfal dos aviadores ao Norte — viagem toda feita de vibratibilidade e entusiasmo e admiração — os beijos enchem também uma página inteira, no livro doirado das grandes festas...

No *hall* do Grande Hotel uma senhora lança-se nos braços do comandante, aperta-o contra o busto, e beija-o longa, demoradamente...

No Palácio de Cristal em certa tarde de movimento e música, duas mulheres sobem ao estrado dos aviadores, e, alvoroçadas, pedem ao Comandante que as beije...

Em Braga, na estrada pitoresca do Sameiro, as senhoras arrebatam violentamente o comandante do seu carro, e levam-no para outro — que elas próprias engalanaram, confortaram a seguir na delícia da sua presença... Há beijos de todas as cores — desde o rubro violento que estonteia, à alvura imaculada que delicia num sonho bom, e que adormece.

Eu não sei a cor dos beijos que fazem parte das festas.

Há um facto resplandecente de luz que exalta o valor da raça, que a levanta tão alto que a diviniza quase. Numa exaltação febril do momento, vitoriam-se os heróis que o realizaram, beijam-se — na forma mais humana, mais particularmente portuguesa talvez, de os admirar. O beijo então é um símbolo. Na sua imaterialidade não tem cor. E dá-se então instintivamente, naturalmente, a qualquer dos heróis. Ora o almirante, em Portugal, foi esquecido quase...

Senhoras que arco-irisastes com vossos beijos uma página do livro da epopeia, perdoai-me, se puderdes, as minhas impressões — admitindo ao menos que elas são a sombra do meu desejo mal contido...

M. C.

O Povo do Norte, Vila Real, 17 de Dezembro de 1922, p. 1.

Em férias

Meu caro B. — Tu vais casar e não amas aquela que é tua noiva e vai ser muito breve tua mulher. É rica e é feia. E na mesma carta em que mo comunicas, fazes-me o convite para o dia do teu noivado — dia que é para mim o do teu enterro apenas... Irei, mas de gravata preta muito pesada, e comporei para essa ocasião um rosto onde se desenhe, profundamente, a expressão mais sentida duma grande dor.

De resto, meu caro B., não serei eu o único a pôr nos salões fidalgos da tua noiva, uma nódoa de tristeza e de pesar. Por entre os vestidos vaporosos, triunfais, das convidadas, nesse dia florido de Abril, o teu vulto há-de passar como uma sombra pesada de saudade — da saudade de ti próprio que vais morrer.

Tu, que foste poeta e que sonhaste tanto, tu que ergueste em cada saudosíssimo poente, a tua tenda de artista, insatisfeito sempre duma perfeição maior, duma beleza suprema, — tu vais levantar agora, em ouro maciço de lei, o castelo derradeiro, definitivo, do teu sonho enfim tornado prosa!

E em tardes perfumadas, nas alamedas rumorejantes do teu novo solar, quando o teu braço enlaçar essa mulher e a tua boca buscar a sua boca, numa imperiosa necessidade conjugal, — tu hás-de ter saudades fundas de ti próprio, na lembrança nostálgica do que foste e do que tantas vezes sonhaste, endoidecidamente... Sabe-se lá bem dizer porque se gosta d'alguém, porque é que o nosso espírito se compraz, horas e horas, a recortar melhor, delicados detalhes duma imagem, e a tecer em volta dela toda uma nuvem doirada de crença e de ternura!

E eis, meu caro B., como eu me tornei pressago, aborrecido,

nestes dias finais dumas férias de Natal — nestes dias primeiros dum ano que começa...

Queria falar-te duma adorável tradição das aldeias aqui do Norte.

Noite velha em fora, enregelada noite de frio, vêm grupos de rapazes e raparigas cantar as *boas festas*, as *janeiras*, e agora, a balada bíblica dos *Reis*.

E sob este luar esplêndido de Janeiro, «fria claridade que alumia e não aquece», levanta-se harmónico, suavíssimo, o coro dos cantadores:

Quem diremos nós que viva...

.....

.....

Abrem-se as portas. Dão-se figos secos e castanhas, e quantas vezes lá corre, de mão em mão, a pichorra do vinho novo!...

Depois largam de abalada, cantando, de porta em porta!

Perdoa, porém, a divagação e conta comigo para o dia de Abril do teu enterro...

Teu certo,
M. C.

P. S. — Pedia-te a propósito e encarecidamente que me disseses se entre as tuas convidadas vai alguma, que embora feia, ou velha, seja rica, muito rica...

Janeiro, 923.

M. C.

O Povo do Norte, Vila Real, 7 de Janeiro de 1923, p. 1.

Em viagem

Eis-me acidentalmente na Capital. Lisboa assenta-se ainda placidamente nas suas sete colinas e, mulher garrida que é, muda de «toilettes» a cada passo. Hoje, são passeios mais largos no Rossio, novos cafés e novas pastelarias vistosas, os carros eléctricos a girar suavemente por outras ruas.

Lá ao fundo, a prata cintilante do Tejo que corre constrangidamente, preguiçosamente, a afogar no mar as saudades de deixar as terras de Portugal.

O Chiado e o Ouro são ainda as vitrines movimentadas, policromas das mulheres curiosas da Capital.

D'uma elegância característica, d'uma leveza cheia de graça e ritmo, cada mulher que passa, n'estas tardes embriagadoras de sol, é uma adorável, uma deliciosa exposição de pintura. Há espiritualidade, há estética e há arte na variedade imensa das suas cores.

Eu nunca fui a Paris. Por isso lanço a hipótese ignorante de que Lisboa deve ficar mais próximo da Capital francesa do que o Porto...

Os cafés, à noite, têm vida, têm algazarra, têm efervescência. Nitidamente separados pelas convicções, em todos eles, desde os integralistas aos radicais socialistas, em todos eles há legisladores exaltados, oradores de fogo ditando em cada noite projectos de lei, decretos infalíveis para a restauração da Pátria... Fumo, tudo fumo que se levanta suavemente dos charutos caros, que intoxica a sala na sua bruma azul, e que se desfaz aos poucos...

Noite em fora, quando em quando, uma detonação retumbante, arrepiadora. Progresso. Para construir de novo, é necessário derrubar primeiro. E os obreiros vermelhos da nova ideia começam

assim, convictamente, a demolir os monumentos empoeirados do ideal antigo...

O acaso deparou-me ontem, num Café da Baixa, um velho amigo de infância: Aníbal Vaz que há poucas horas tinha deixado o barco que o trouxe d'África.

Minutos largos de emoção estranha, que eu não sei pintar — tão desconstruídos são os sentimentos que nascem em nós alvoraçadamente.

Como iniciar a troca de múltiplas impressões que dois anos interromperam? Por onde começar a conversa? Sei lá bem!

Por hoje, meu caro Aníbal, um grande abraço apenas. E que nessa linda Vila Real para onde vais, possas encontrar nos seis meses de descanso toda a saúde que as terras sertanejas te roubaram — e em cada canto, em cada rua, vivas ainda toda a lembrança querida dos nossos velhos tempos do Liceu.

Abril.

M. C.

O Povo do Norte, Vila Real, 22 de Abril de 1923, p. 1.

Aniversários

A vida, para que seja vida e desperte sempre a ânsia crescente de a viver, de a sentir — deve eternamente ser feita de incoerências, de paradoxos, de absurdos.

É da incoerência do entrechocar continuo dos nossos desencontrados desejos que nasce a ambição — meta nunca alcançada e doidamente ansiada sempre do nosso objectivo supremo de viver.

Ora um absurdo corrente é festejar com um lauto banquete, rosas em profusão e foguetes, por vezes, o dia de anos.

Comemora-se, eu sei, esse dia, porque se chegou até ele. Mas põe-se de parte a ideia, pungentemente certa, de que cada ano que passa é um degrau a mais que se desce para a velhice...

Ora já não acontece o mesmo à vida dum jornal. É difícil, na província pelo menos, a um semanário, uma existência longa.

Que de esforços e de sacrifícios, por vezes, não vêem apagar num sorriso simuladamente alegre e feliz, as sombras do desalento e da apatia que em tantas horas tombam sobre o seu caminho!

Que de ansiedades e de lutas não se debatem na vida íntima da sua organização — lutas e ansiedades que vivem ocultas sempre num silêncio heróico, e não se revelam nunca nem se espelham na face plácida dum novo número que pontualmente vai correr tantas mãos frias e indiferentes!

O dia de aniversario é para um jornal portanto, um dia de festa, uma alvorada renascida — banhando de luz compensadora, a alma satisfeita dos que nele labutam e por ele se sacrificam!

Eu devo ao *Povo do Norte* uma das minhas primeiras grandes emoções de rapaz. Hoje, já nem sei escrevê-la, porque mal a sinto.

Na verdade, parece que os anos tornam mais duro o verniz da nossa sensibilidade. As emoções que se vão sentindo depois, vida em fora, por maiores que sejam ou nos pareçam, são apagadas sombras das primeiras — riscam ao de leve apenas a superfície monótona da nossa vibratildade afectiva!

... E eu lembro que fiz um dia os meus primeiros versos.

Versos? Sei lá se o eram! Linhas rimadas, sem a música e a técnica que a poesia requer — mas linhas onde eu pus, alvoroçadamente, minha alma toda e a fé que ardia dentro de mim. Li-os tantas vezes, sabia-os de cor, dizia-os baixinho comigo, habituaram-se meus olhos a lê-los em toda a parte. Mas a letra redonda dum jornal, tentava-me, fascinava-me, endoidecia-me. O ridículo talvez, da publicidade, acobardava-me. O jornal correria tantas mãos... Hesitei. Torturei-me na renúncia do meu sonho maior. E um dia as colunas do *Povo do Norte* acolheram benevolmente os meus primeiros versos. Sei lá dizer-lhes quantas vezes os li! Trazia o jornal comigo, colocava-o à distância para ver o efeito da letra impressa, dobrava-o para que ele andasse juntinho a mim, como amuleto sagrado...

E o tempo imperturbável, amarrotou-o, amareleceu-o, desfê-lo aos poucos, — levando assim consigo o meu primeiro Sonho!

As emoções são como os cigarros.

Há nos primeiros o quer que seja de perturbadoramente inédito — e nos que se queimam, depois, a monotonia apenas dum hábito adquirido...

Nestas linhas singelas, muito intimamente vai para o *Povo do Norte* pelo seu aniversário, o meu mais fundo desejo duma longa vida!

Maio.

M. C.

Nota — Na última carta, entre gralhas que deturparam a escrita

de palavras, havia uma que tornava nebuloso o sentido: onde se lê «— já li *alguns*...» deve ler-se «— já li *algures*...»

M. C.

O Povo do Norte, Vila Real, 27 de Maio de 1923, p. 2.

[Notas soltas]

Num avião francês, ao romper d'alva, partiram para Paris os gloriosos marinheiros que fizeram a travessia do Atlântico. O seu feito que fez vibrar em uníssono, nesses momentos de ansiedade e angústia as almas de todos nós, passou fronteiras, levantou Portugal, como outrora, aos olhos do mundo inteiro! Vão à França — coração da Terra — receber a bênção sagrada da sua epopeia heróica. Partiram cedo. A madrugada era nevoeirenta e fria. Mas lá estavam a dirigir-lhe adeus, muitas centenas de portugueses. E para que levassem para a França o melhor de Portugal, havia lenços pequeninos de mulher, muitos lenços talvez, a encher-lhes a alma toda de saudades — desta saudade que é tão nossa, que é tão nossa só!

Há festas e romarias por toda a parte. E ou seja nos arrabaldes movimentados duma cidade, ou seja no alto duma serra, em volta das ermidas solitárias, a viola, o bombo, os ferrinhos, andam de braço dado com o vinho, numa alegria antiga. Vêm de longes terras, dançando sempre nos empoeirados caminhos, curiosos romeiros aos magotes. Quem se diverte, quem goza doidamente, numa orgia pagã? O povo. A fé, a crença, a piedade, foram envelhecendo aos poucos.

A devoção pelos santos, é uma palavra vã. Os fieis vão-se cansando enfim de tanto suplicar baldadamente... Há hoje apenas o culto pela festa. E muito bem. Tem o povo, nas horas fugitivas dum arraial, a compensação efémera das suas canseiras, do seu trabalho de tão longos dias...

O Maio foi-se embora e não quis deixar saudades. Ciumento

talvez das flores que ele próprio fez desabrochar e carinhosamente tratou, lançou-se esta madrugada em bâtegas frias de água sobre os jardins e desfolhou-as, matou-as, numa impiedade feroz.

Mas as rosas, no entanto, haviam tirado já a sua desforra gentil, a sua vingança doce de flores... Passaram para o Palácio de Cristal e foram competir, na nave majestosa, com as *toilettes* garridas das mulheres que as invejavam e que se sentiam mal.

Partiu para a França madame Lucie Dilarne Mardrus, depois de encantar os lisboetas com a sua voz fluente e a sua graça aérea e desenvolta de mulher parisiense. Apaixonada por Portugal, os seus lábios, na partida, rezavam baixinho comovidamente: «hei-de voltar, hei-de voltar!»

Deixou três sonetos, três lindíssimos sonetos.

E sabem qual é o *leit-motiv* em todos eles? O fado, o fado português, que ela ouviu nostalgicamente em certas noites da Capital...

Maio.

M. C.

O Povo do Norte, Vila Real, 3 de Junho de 1923, pp. 1-2.

[Estes ares são fortes]

A carruagem que se tinha enchido, a transbordar quase, na Estação de S. Bento, foi pouco e pouco despejando passageiros, em todas as paragens da linha do Douro. Para lá da Livração, em frente a mim, ficara apenas, largamente instalado, um rotundo casal de pouco duvidosa identidade. A tarde caía serenamente linda. Ao sol que tinha dardejado todo o dia numa impiedade feroz, sucedia-se agora uma aragem leve e embalsamada, subindo do Douro, pairando pelas encostas.

O casal no entanto, falava em coisas bem diversas, olhando apenas quando em quando, distraidamente, o rectângulo da janela. Faziam projectos sobre a vida deliciosa das termas do Norte, para onde iam. E ela escancarava a boca num riso feliz, estiracava melhor o corpo largo, bojudo, sobre o banco da carruagem, infantilmente pequeno para ela. Por último, ele lançou uma interrogação afirmativa: — e se nós comêssemos? Num instante, abriu-se uma condessa vermelha, de dentro saltou uma caixa de folha cheiinha de costeletas e limões, uma garrafa de litro e uma dúzia de pães. Ofereceram sumidamente. Recusei para lhe fazer a vontade. E dentro em pouco, era um esfacelar de carnes, canibalescamente, era um cortar de limões que não tinha fim. Não falavam. Apenas de vez em quando, um osso depenado de costeletas, vigorosamente lançado pela mão oleosa dela, voava pela carruagem em direcção ao rectângulo da janela. Passava-me sibilando junto ao chapéu. E eu temi, mais duma vez, que a pontaria errasse...

Vinha já perto a Régua, o vinho tinha desaparecido e a caixa estava quase vazia. Só então é que a paisagem lhes pareceu linda. Era o embevecimento burguês ante a beleza do rio, a vertente das encostas, o viço exuberante dos campos. E acendendo pesadamente

um cigarro, ele aventou: — «Sabes?, sinto-me melhor. Estes ares são fortes. Que mudança rápida experimento!» Ela concordou, num arrote prolongado, palitando os queixais.

Nesse instante, senhores novos ricos, o seu único companheiro de viagem sorriu-se. E esse sorriso que lhes fez mal e não perceberam, encobriu apenas esta frase que lhe saltou aos lábios, e que morreu depressa, numa delicadeza:

Concordar que os ares da Serra fazem bem, depois de ter devorado uma arroba de costeletas, e ingerido, dum trago quase, um litro de vinho maduro...

Junho

M. C.

O Povo do Norte, Vila Real, 16 de Junho de 1923, p. 1.

Luto

Morreu Junqueiro!

Duas linhas só, frias, negras, pesadas, no rectângulo dum *placard*, à porta do «Café».

Duas linhas só, para que os olhos não perdessem tempo em lê-las, para que a alma sucumbida de luto, amarfanhada de dor, se recolhesse, se concentrasse, a chorar em silêncio a sua infinita mágoa.

Isto bastava — era de mais até para o momento.

O resto viria depois, nas inconfidências espectaculosas dos jornais, na denúncia àvida dos *reporters*, na curiosidade mecânica e insatisfeita sempre, dos fotógrafos de profissão.

Morreu Junqueiro!

E agora que a sua mão nervosa é fria já, e os seus olhos profundos deixaram de reflectir a luz da terra, — hão-de corvos esfaimados baixar crocitando sobre a sua obra divina, na ilusão irrisória de a escarpelizar, de a enodoar de manchas e de sarcasmos!

Gigante que rompeu num desassombro homérico o véu pesado que o dogma da religião havia posto para além das nossas consciências; perscrutador audaz que conviveu com Deus, que ergueu a figura doce de Jesus ao plano primitivo da sua humildade, levando-o a expulsar a pontapés os vendilhões do templo — Junqueiro devia ter entrado no céu de braço dado com o Nazareno, por entre pétalas de rosas que os simples e os pobrezinhos em alcateias, iam desfolhando na via láctea do seu caminho...

A eternidade religiosa é uma utopia.

Foi e é ainda a necessidade imperiosa de determinados espíritos.

O homem fez o Deus da sua religião. Amoldou-o ao seu sabor, ergueu-o alto, ao inatingível pedestal dum dogma.

Para que fosse eterno, era necessário que fosse independente da função do tempo e do espaço. Mas não o é.

Há *verdades* que são transitórias, fugitivos relâmpagos dum momento — na vida da humanidade, milhares de anos são instantes. A ciência rompe aos poucos a cortina espessa de algumas afirmações religiosas.

Enclausurar o pensamento dentro dos limites estreitos dum dogma, é fazer a renúncia da vida. Ciência e religião são incompatíveis por isso.

Galileu teve de renegar a descoberta que o imortalizou...

Junqueiro é eterno — na eternidade da religião pura em que viveu. Foi um crente, um piedosíssimo crente, no sentido mais alto, mais espiritual, desta palavra.

Os seus versos de fogo cauterizaram para sempre cancerosas chagas humanas, monstruosas misérias sociais. Amou os pobres, os simples, a verdade.

Sentiu como ninguém, comovidamente, a necessidade dum Deus que fosse divino de bondade — alma acolhedora sempre num sorriso caricioso e brando!

As suas obras são monumentos — com a severidade majestosa dos símbolos romanos, com a singeleza harmónica dos rendilhados ornatos gregos. Há olhos que as leram já, sem que contudo as houvessem *lido*.

A «Velhice» levantou celeuma, foi excomungada, foi apontada num terror como profana. E na «Velhice», Junqueiro é mais do que ninguém religioso, é mais do que ninguém um crente.

«Aos Simples»... Nesta hora de recolhimento e de angústia,

volto de novo numa evocadora nostalgia, à minha infância. Criança, folheio a selecta da minha Escola.

E dentro em mim — saudade viva! — vibram ainda, embaladoramente, aqueles versos divinos que a minha alma infantil tantas vezes, tantas, rezou baixinho:

.....
Minha Mãe, minha Mãe! Ai que saudade imensa,
Do tempo em que ajoelhava, orando, ao pé de ti...
.....
.....

Junqueiro não quis discursos à beira da sepultura. As grandes dores são mudas. Teve medo que as palavras frias, teatrais, declamativas, dos oradores fúnebres o fossem acordar ainda do seu sono leve de criança que adormeceu a conversar com Deus.

Não quis pétalas desfolhadas no seu caixão — para que as rosas e os lírios que ele cantou, se curvassem confrangidos por sobre os caules débeis, e pudessem chorar em vida a sua morte...

Julho.

M. C.

NOTA — Na ultima carta passaram muitas gralhas. Confio que o leitor as tenha corrigido — desde aquele *intensame*, por *intensamente*, ao *sol turbando*, por *sol tombando*... etc.

M. C.

O Povo do Norte, Vila Real, 15 de Julho de 1923, pp. 1-2.

[Foz do Douro]

Foz do Douro. A tardinha de hoje é toda bruma — bruma que vem de longe aproximando mais do céu a vastidão do mar. Andam amores aos pares, perdendo-se, endoidecendo-se, ao longo da praia, sobre os rochedos nus, no aconchego plácido e discreto das barracas de lona. Grupos de espanholas gentis, vivas e berrantes como o vermelho — amarelo da sua terra, cortam o marulhar nostálgico do Mar, com a zarzuela salerosa da sua voz.

O meu amigo que até então se mantivera mudo, olhando absortamente o dorso maleável, sensual das vagas, travou-me do braço, num sobressalto, e apontando um casal que passava lá ao fundo, despejou:

— Vês, vês bem. É ela, é ela! Tu lembras-te. Foi há dois anos já. O Mar é ainda o mesmo na indiferença riturada do seu vai-vem eterno. Mas a praia morreu para mim, perdeu todo o seu encanto estranho, depois que ela partiu. Como um emigrante que volta à terra onde nasceu, e de alma ajoelhada corre velhos lugares sagrados, assim eu vinha para o Mar, horas e horas, viver numa saudade o meu amor, o nosso amor... Tínhamos erguido, num sonho doido, a nossa casa pequenina, cheia de singeleza, rústica de humildade, — pequena demais talvez para caber nela a nossa afeição tão funda, a indefinida fé do nosso bem querer... Partiu. De longe, a mesma crença em cartas que me endoiceram, dia a dia. Depois, um longo silêncio. Sofri, chorei, numa dúvida de morte, numa amargura cruciante.

Meses depois, eu soube tudo: ela tinha casado com aquele bojo rotundo que ali vês — monstro disforme recém-chegado do Brasil, coberto de pedrarias preciosas, faiscantes, senhor feudal de nem sei quantas léguas de terras no coração da Beira...

Calou-se o meu amigo. A bruma adelgaçara já. E na linha do horizonte, o sol despedia o seu lendário raio verde — verde sem esperança!

— E tu agora, disse eu por fim, — tu que sonharas um amor feito de amor apenas, vais internar-te decerto num convento de Espanha...

— Não, retrucou ele, voltando a fitar de novo o dorso sensual das ondas. Vou casar em Outubro com a filha única do Santos — bacalhoeiro e capitalista da R. Nova d'Alfândega...

Agosto.

M. C.

O Povo do Norte, Vila Real, 5 de Agosto de 1923, p. 1.

Em viagem

Viajar é ler um livro grande, de nem sei quantas páginas, um livro que não tem fim. Mas porque a leitura nem sempre convida, preferia neste instante não ter aprendido as primeiras letras — para soletrar apenas o iluminado livro da terra onde nasci...

Lisboa é, afinal, uma cidade lendária — com todos os terrores e todas as fascinações dum conto fantasista. Greves, revoluções, boatos de alteração da ordem publica, bombas e atentados — são apenas pedras lançadas sobre águas tranquilas que se encrespam ao de leve, para retomar de novo a sua placidez risonha e satisfeita.

E porque Lisboa é uma mulher bonita, tem como todas as mulheres bonitas os seus amuos, os seus nervos, que em electrizações de vibratilidade as tornam mais adoráveis ainda...

Numa das cartas anteriores, referimo-nos ao funcionalismo público. Apontávamos o descontentamento pela desigualdade das subvenções e mostrávamos a improficuidade destas para a solução da carestia da vida.

Sobre funcionalismo ainda. Com muitas excepções — e ainda bem — o servidor do Estado, é, na sua generalidade, um servidor de si próprio, do seu comodismo apenas. É conhecida de todos a delicadeza... agressiva com que recebem o público que lhes vá perturbar a leitura do jornal, o prazer dum charuto, a sonolência mórbida que os prende, irresistivelmente, ao almofado das cadeiras de braços.

Por uma questão de saneamento e moralidade, porque não tentar a redução de certos quadros do funcionalismo público?

Estas linhas muito apressadas, muito fugitivas, são escritas numa repartição do Estado, onde um empregado tamborila sobre a mesa os compassos da música dum fado garoto, outro cabeceia sobre a leitura do folhetim do «Século» e ali ao lado, numa mesa pequenina, a dactilografa — gentil por sinal, faça-se justiça — lê as ultimas páginas dos «Segredos do Coração»...

Setembro

M. C.

O Povo do Norte, Vila Real, 16 de Setembro de 1923, p. 1.

Em férias

Vindimas! A grande festa, a maior festa do meu burgo sossegado e humilde.

Santo? Eu sei lá bem! Um ídolo pagão, com certeza.

Há porventura na alegria estuante destes dias, a religiosidade cristã, que ora embala num ritmo cadenciado e triste em tardes de novena, ora vibra em alegrias cantantes, numa Páscoa abençoada?

... Um ídolo pagão, com certeza, que anda, neste cair de Setembro, viola ao tira-colo, olhos nunca cansados de tanto ver, — por entre vinhas e vinhas subindo encostas, espraçando em vales, morrendo alegremente nos recôncavos dum rio!

Vindimas!

Romarias de cores e sons por essas terras além!

Descem dos montes lá de riba, dos montes de ao pé da Serra, as *rógas* das vindimadoras. Vêm cantando e bailando estrada fora. Vinde vê-las.

Homens hirsutos, medindo metros de música em harmónios roufenhos; raparigas de amplo seio robusto, cestinha branca à cabeça, ritmando em voluptuosos meneios de quadris, rosários longos de cantigas ao desafio:

*Nasci p'rás bandas da Serra,
Sou serrana, tostadinha...*

E num arfar, — a caminhada é longa já — o silêncio da voz que se calou, é cheio por um tropear de passos, entre nuvens de poeira...

E logo a seguir:

*Por dote tenho mil fragas
Sou tão rica e pobrezinha.*

Entram no burgo. Apressam-se, num nervosismo, os descompassados compassos dessa música interminável. E uma voz de homem eleva-se bem alto:

*Mais pobre que tu, sou eu,
Fez-me o destino, pastor...*

E as violas enchendo:

*Zerám, zám, zám,
Zerám, zám, zám...*

*Seria dono do mundo,
Se meu fosse o teu amor!*

Vindimas!

Lavradores satisfeitos por um ano inteiro de labuta, lavradores abrindo, placidamente, um patriarcal sorriso, entre os bigodes cheios de suor e de mosto:

— «Eh lá, rapariga! Trazes a cabeça na lua. Olha estes bagos que deixaste para traz!

... Só de bagos fez um lavrador que eu cá sei, sessenta pipas de vinho.

Haan?! Cesta cheia? Bota p'ra cá. E vai cortando para o avental.

... ai não? Querias ficar com as mãos a abanar! Boa vai ela... Cabeça de bugalhos! —»

E em volta dos cestos cheios, numa delícia feroz, zumbindo, zumbindo sempre, abelhas de asas doiradas, vão sorvendo, voluptuosamente, o néctar olímpico dos frutos...

Cumieira.

M. C.

O Povo do Norte, Vila Real, 30 de Setembro de 1923, p. 1.

Carvalho Araújo

Vila Real vai erigir, na sua Avenida principal, um monumento ao comandante heróico do «*Augusto de Castilho*».

Pode o tempo, imperturbável sempre na sua marcha, ironicamente impiedoso nos seus destinos, levar na onda tumultuosa das horas, certas lembranças da Terra.

Pode a História, tão ingrata por vezes nas linhas dos seus cronistas, rasgar do seu livro homérico, uma página de bronze, da nossa participação na Guerra.

Uma coisa porém ficará de pé, eternamente aureolada de glória, constantemente viva sempre na lembrança do povo, que a há-de transmitir em êxtase, de boca em boca, ao povo seu irmão: — o monumento a Carvalho Araújo!

Para aqueles que, numa descrença absurda e num pessimismo ignominioso e torpe, propalam a decadência do génio português, — para esses que infelizmente são tantos, a figura intemerata do altivo marinheiro, é uma rajada forte de luz desvendando e iluminando caminhos amplos de esperança e de imorredoura fé!

Com que orgulho devemos bradar ao mundo inteiro, a todo o instante, que somos de Portugal!

É bem conhecida de todos, a história do caça-minas «*Augusto de Castilho*».

Barco pequenino, desguarnecido, indefeso quase, foi mandado para o mar alto, à aventura, nesse período de terror, em que formidáveis submarinos alemães semeavam a morte numa ferocidade selvagem. Partiu. Bruscamente, traiçoeiramente, é atacado um barco de passageiros que nada tinha com a guerra.

Sem uma hesitação, incarnando velhas figuras da nossa História de epopeias, o comandante Carvalho Araújo, ordena o avanço, manda abrir fogo!

Luta de instantes, gigantesco combate de irrisória desproporção! E o caça-minas avança, avança sempre, para atingir com o seu fogo curto, o submarino que há muito já o vinha visando certamente!

Entretanto o barco indefeso dos passageiros, punha-se a salvo! A vitória foi do comandante Carvalho Araújo que morreu lutando desesperadamente no seu posto — a vitória foi dos Portugueses!

Nada posso propor. Falam baixinho as minhas palavras, ouvem-se de perto apenas.

Mas, povo rude do Norte, quando no lançamento da primeira pedra do monumento, os clarins tocarem a sentido, grava mais fundo no teu peito, para sempre, o nome glorioso desse marinheiro português — desse marinheiro da nossa terra.

E, professores primários do meu distrito, — obscuros trabalhadores a quem rendo a minha humilde mas sentida e profunda homenagem — roubai dois instantes ao ensino e fazei decorar às crianças, religiosamente, o nome do comandante Carvalho Araújo!

Outubro.

M. C.

O Povo do Norte, Vila Real, 14 de Outubro de 1923, p. 2.

Carta

Minha amiga — Aí vão as primeiras impressões desta terra a que chamaste, injustamente, o meu Desterro.

Mal ligados talvez, retalhos dispersos e variados, elas levam no entanto a verdade flagrante que nos assalta uma só vez na vida, ao encarar o desconhecido.

Tudo o que vem depois, é o preconceito, é a sugestão lenta e invencível do meio, é a infiltração demorada de ideias novas que modificam o juízo primitivo.

Impressões — relâmpagos, sem linhas precisas e definidas — feitas a ponto e traço.

O que há de maravilhoso na emoção, é o instante fugitivo que ela demora...

O burgo é pequenino e humilde. Monotonamente, repetidamente, há casas iguais alinhadas em ruas curtas.

Assim nasceram irmãs, numa mesma comunhão de ideias, em tempos que já lá vão.

Habituar-se olhos distantes a querer-lhes bem, e os que hoje as miram e as acariciam, são feitos ainda de bruma do passado...

Monotonamente, repetidamente, as casas são irmãs. Canso os sentidos.

E a lembrança traz-me, numa saudade, essas construções de graciosas linhas arquitectónicas, manchando levemente tantas terras de Portugal!

Vai curta a noite ainda. Mas há no burgo já, um pesado silêncio.

Talvez que a neve abafe os passos nas calçadas.

Desço à rua. Morreu a luz nas anémicas lâmpadas distanciadas... Soube a razão. A Fábrica geradora, pode chamar-se «Companhias reunidas de Lua e Electricidade...»

Há com efeito, na noite fria de hoje, um luar esplêndido, brilhando intensamente na brancura da neve.

O meu vizinho estará doente? Mudaria de casa? Não estranhes a pergunta. O meu vizinho, sabes?, é um visionário artista que eu nem conheço ainda. Todas as manhãs, muito cedo, quando o frio é mais cortante, aquece a alma arrancando às míseras quatro cordas dum violino os mais ferrugentos sons que os meus ouvidos profanos têm sentido. A toada é sempre a mesma: — uivos, gemidos, barulho confuso dum carro pachorrento numa estrada sem fim.

Irritou-me a princípio. Embrulhei-me mais, para o não ouvir. Mas o som filtrava-se sarcasticamente, através da roupa.

Habituei-me. Era o meu despertador. Ora hoje, esperei, esperei...

Estará doente o artista visionário? Mudaria de casa? Incomoda-me o silêncio.

E à semelhança da história do neurasténico, sou capaz de lhe bater à porta, manhãzinha cedo:

«— oh vizinho, vizinho?!, por amor de Deus, toque lá um bocado... —»

Nota final. Crê na minha lealdade. É inútil e impossível quase sair de casa. Meço o meu quarto — cela de monge... que não professor — horas e horas, todos os dias, a passos largos.

De resto, por essas ruas fora, as casas são túmulos. Cortinas corridas, silêncio de morte.

É por isso talvez, minha amiga, que eu não conheço ainda a cidade...

NOV.

Teu
M. C.

O Povo do Norte, Vila Real, 25 de Novembro de 1923, p. 1.

O Castelo

Corri-o todo.

No topo da encosta, mirando em redor tantas colinas longínquas e o casario branco da cidade que humildemente se lhe aconchegou aos pés — ergue-se o Castelo trabalhado por mãos remotas, por carinhosas mãos grosseiras dos tempos idos...

Altivos ainda, os seus torreões enegrecidos desafiam o vento que uiva em temporal, nas alongadas vigias.

E sobre o musgo verde das suas pedras lavradas, as gotas da chuva que monotonamente vai caindo, são lágrimas rolando em silêncio sobre as ruínas dum sonho que sonhou tão alto, em eras mortas!

Corri-o todo. Vive-se lá dentro.

Uma vida de exaltação e de lembrança...

Nas onduladas colinas, tão tristemente mortas, tão negramente áridas, há sombras movediças, numa extensão sem fim, de inimigos ferozes.

Vai um tropel de guerra, um brônzeo retinir de ferros, um doloroso ranger de gonzos, no altivo castelo que se defende.

A luta, corpo a corpo, é uma tela sanguínea, vivida, de feras dilacerando as carnes do homem primitivo, nas grutas pedregosas...

Cedem por fim as portadas largas, de grosseiros chapins de ferro.

Levantam-se as pontes. Em avalanches, em catadupas, caem lá de cima, dos miradoiros da torre de menagem ondas negras de óleos incandescentes...

Vou subindo a escadaria em caracol, de granito tosco.

Agora, é uma larga porta, de bem lançados arcos, recortando numa esguia iluminura, a luz branca duma sala.

Ao fundo, olhando o poente, uma espiritualíssima janela de geminados arcos ogivais.

Que mão de artista, neste castelo guerreiro, contou à pedra fria, em rendilhados contos, toda a lenda da sua alma de enamorado?

Nem tudo é Primavera de sonho em volta do Castelo...

Em baixo, sobre a vertente do *Fervença*, a *Domus Municipalis*, dum tão perfeito e tão sóbrio estilo romano, pede ao céu, através do seu tecto desmantelado, que se compadeça da criminosa incúria dos homens...

DEZ.

M. C.

O Povo do Norte, Vila Real, 9 de Dezembro de 1923, p. 1.

Carta de Bragança

Indiferença dos homens. A acção corrosiva do tempo.

Regresso à origem. Longe de tudo e de todos. Enfim... sós!

Há dias tivemos o prazer de acompanhar dois arqueólogos na sua visita de estudo a esta cidade. A impressão que levaram foi sem dúvida semelhante à que tinha lançado raízes fundas no nosso espírito, quando numa primeira e rápida visão de conjunto, sentimos um desolado constrangimento pelo abandono criminoso, pela indiferença retrograda a que estão votadas tantas maravilhas antigas desta remotíssima terra!

Não resistimos à tentação de transcrever da obra monumental «*Memórias Arqueológicas – Históricas do Districto de Bragança*» do erudito Abade de Baçal, estes períodos elucidativos:

— «... Quando se resolverá (Bragança) a venerar, como relíquias sagradas, o seu castelo, o seu pelourinho, a sua vetusta casa da câmara ou da cisterna, três símbolos da sua força, jurisdição e liberdade, pugnando pela sua conservação, de que são dignos, mesmo arquitectonicamente considerados?

Quando cessaremos de dar aos estrangeiros o triste exemplo dum povo imbecil que não compreende nem aprecia devidamente os emblemas dum passado cheio de tradições gloriosas?

Brigantinos, gritai bem alto a esses homens que nos desgovernam, explicai-lhes bem por miúdo o que esses símbolos representam, a ver se os podeis convencer do seu valor e necessidade de olhar por eles.

.....
O Castelo de Bragança — transcreve o abade, da «*Bragança e Bem querença*» de Albino Lopo — distingue-se de todos os monumentos

congêneres existentes no reino e talvez em toda a península pela sua elegância, traçado e solidez. De forma quadrangular, tem as suas faces orientadas pelos quatro pontos cardeais e é formado de pedra solta e argamassa á excepção da base, ângulos, ameias, miradouros e uma cintura que tem a meia altura que são de granito grosseiro. Tem dezassete metros de lado e trinta e três de altura proximamente... os seus miradouros saem-lhe naturalmente dos flancos tão elegantes e proporcionados que mais parece terem sido feitos para o adornar e tornar bem parecido, do que para o defender. As suas janelas, principalmente as que olham a sul e nascente, são de grande lavor artístico...» —

.....
Sobre os antigos Paços do Concelho, que, a julgar pelo seu estilo arquitectónico românico, remontam ao século XII para XIII, diz ainda o abade de Baçal, transcrevendo a notícia do seu estado em 1721:

«— He este edificio de pedraria em forma quadrangular, bayxo, e por toda a circumferencia tem janelas de arco com distancia de dous palmos de huas a outras e pouco mais tem estas de largura. Formava hua grande e espaçosa sala que agora se vê dividida em duas, na primeira se fazem as audiencias do Geral e na segunda se junta o Senado. Toda a capacidade d'este edificio, ocupa uma cisterna de agoa nativa, coberta de fortissima abobeda, e sobre esta estão as salas... —»

.....
«Vergonha é dizê-lo — comenta o erudito abade de Baçal —, mas este monumento, único no seu género, não só em Portugal mas até na península, admiração de quantos prezam a arte, como se Bragança não lhe alcançasse o merecimento, jaz para ahi metido a um canto, desprezado, mutilado, e, o que é peor ainda, sem cobertura a chover n'elle!!!

... Por Deus! Cessemos de dar perante o estrangeiro, o triste

espectaculo de um povo que não aprecia as tradições do seu passado; salvemos o monumento.»

Foram escritas estas palavras, sedentas de justiça e vibrantes de indignação, em 1909. Anos passaram. E quando por toda a parte uma febre de remodelação e de engrandecimento se levanta viril em todos os espíritos, quando a uma iniciativa audaz sucede a realização de uma obra de beleza —, Bragança adormece inconscientemente no letargo criminoso e imperturbado dos que querem morrer pela inércia!

Não conserva com carinho, com religiosidade quase, tudo o que o seu passado bem mais nobre e fecundo lhe legou; não quer abrir os olhos à rútila luz fascinadora duma nova era, duma vida construtiva!

Uma terra assim que não *avança*, não fica imóvel também: — *recura*, na sua imobilidade e abandono, regressa à primitiva origem...

Falta de espíritos ilustrados e organizadores? Evidentemente que não. Mas essa *elite* é pequena de mais para conter a avalanche esmagadora dos indiferentes, dos retrógrados, daqueles para quem a vida toda gira em volta dum ponto único: o estômago!

Bragança, Maio.

M. C.

O Povo do Norte, Vila Real, 25 de Maio de 1924, pp. 1-2.

Natal

Para a minha Mãe

Natal!, Natal!. Logo ao cair da tarde, de todos os lares — telhados vermelhos de telha rica, ou colmo enegrecido de míseras choupanas —, de todos os lares, ainda os mais humildes, sobe aos céus, espiralado e azul, um fumo brando, desprendem-se gargalhadas vibrantes como sinos de aldeia em dia de Páscoa, vibram canções harmónicas e cantantes como água límpida de fontes em floridos atalhos!

De longes terras, por caminhos que a saudade já tão alta da distância teceu e rendilhou de memórias e de lembranças — vêm romarias de viandantes, bocas desabrochando em beijos, olhos varando o dorso das montanhas, fitando a sorrir, na erma serra, a casa pequenina onde nasceram!

Natal!, Natal! E na noite fria, enregelada e agreste, — vento a uivar ao abandono nas portas desconjuntadas —, há dentro de cada casa, na pedra tosca da lareira, um velho tronco anoso e secular ardendo em labaredas rubras, chamas endoidecidas que têm desejos fundos de cantar!

E o frio anda lá fora ao abandono. Sobe mais alto a labareda alacre, cerra-se mais, junta-se mais, abraça melhor a família toda em volta da lareira.

E os interrogativos olhos das crianças, vagos e deslumbrados, húmidos de piedade e de ternura, cheinhos de pureza e de inocência, — vêm ao longe, para as bandas do Oriente, sob a via láctea duma estrela mensageira, as palhinhas humildes do berço de Jesus — o Deus Menino...

Opalescentes e feéricos, largos mantos de veludo reverberando oiro e pedrarias, — os três reis magos ajoelham humildemente, beijam a terra ante o presépio divino e tosco do filho de Maria!

Anda lá fora o frio... E as crianças, de olhos grandes, vagos e interrogativos de deslumbramento, têm pena que a noite seja tão longa e tão negra.

— ... Não vá perder-se, quem sabe?, na escuridão tenebrosa dos caminhos, essa figurinha lendária de barbas brancas, que há de deixar-lhes, ao canto da lareira, nos sapatitos minúsculos, tantas lembranças queridas e fulgurantes, tantos brinquedos de sonho e de quimera!

Cumieira, Dez., 1924

M. C.

O Povo do Norte, Vila Real, 25 de Dezembro de 1924, p. 1.

Notas soltas

Reitor de Baçal —. Com uma numerosa e escolhida assistência, tomou ontem posse do cargo de director e conservador dos Museus de Bragança, o padre Francisco Manuel Alves, reitor de Baçal —, cuja obra como historiador e arqueólogo deste distrito o tornou merecidamente notável.

Duma simplicidade extraordinária, duma modéstia que casa mal com o exibicionismo berrante e oco da hora que passa —, a figura do reitor é grande de mais para poder ser esboçada, ao de leve embora, pela minha pena profana e pobrezinha.

Nos discursos que foram proferidos no acto solene da sua posse, não se devia glorificar o vulto prestigioso deste homem ilustre de ciência —, mas apenas felicitar o distrito de Bragança pela cabeça admirável que por justiça e por dever, foi colocada à testa do seu relicário de arte antiga e das suas investigações históricas e arqueológicas.

Andorinhas —. Li ontem num jornal qualquer, que havia chegado, não sei a que ponto do país, a primeira andorinha. Gárrula talvez, bizarra e cantante na sua fatiota de viajante ilustre e cosmopolita, é natural que a andorinha linda, depois dum sono reparador e merecido, gritasse ao dia que mal despontava na tinta azul do Oriente: — eu sou a Primavera!

... O sol, a vida, árvores que noivam, a medo ainda, na virgindade primitiva das suas flores perfumadas; asas de aves inquietas que buscam a alcova infinita do azul... — e um vento forte, cortante, gelado na neve eterna das serras de Espanha, a infiltrar-se-nos na alma, a entorpecer-nos a ideia, a embotar-nos o pensamento!

Oh!, como eu odiei a primeira andorinha que chegou a Portugal!

Bragança.

M. C.

O Povo do Norte, Vila Real, 15 de Março de 1925, p. 1.

Postais do mar

I

Maré-alta, hoje. Andam ondas longas de roliço dorso a tecer filigranas de espuma no oiro solto da praia.

Passam ondas longas de estranha policromia, à hora do raio verde, na Avenida da Beira-Mar.

Cores, cores, cores... Maré alta de Mulheres!

E o disco newtoneano dos meus sentidos, rolando alvoroçadamente em torno do meu desejo, dá uma cor apenas, uma cor intensa, à onda longa que passa: — a rubra...

II

Vês? Zangada com o Mar e, afinal, não tens razão, minha amiguinha...

Há um ano, quando o teu corpo lindo de Infanta cortava a vaga em sobressalto, o Mar ciciando galanteios, ia moldando mansinho, a pequenina curva do teu seio.

As ondas caprichosas e revoltas, tinham ciúmes dos teus cabelos em desalinho...

Ora hoje, minha amiguinha, tu sentas-te de perna traçada num barbeiro. Usas como eu, cabelo de meio palmo. E levas, sobre mim ainda, a vantagem de mandar rapar a nuca —, a navalha de barba...

Por isso o mar se zangou. Voltou aos antigos amores, cantando madrigais de novo às ondas que, cansadas vêm morrer na praia...

III

E lá vão já ao longe os barcos dos pescadores. Triângulos de velas brancas recortam-se na linha do horizonte, como asas pandas de longínquas gaivotas.

E os pescadores, os rudes poveirinhos, almas ingénuas de criança em corpos musculosos de gigantes, cantam, eu bem no sei!, ao mar alto que os embalou de pequeninos...

E quantas vezes, quantas!, em agoirentas tardes de procela, o mar embala ainda o seu sono derradeiro, nos frágeis berços desarvorados, desmantelados...

Pescadores do bruxo e lendário António Nobre, pescadores das telas estranhas de Raul Brandão, o mágico pintor do Mar!

Povoa — 28-8-925.

M. C.

O Povo do Norte, Vila Real, 6 de Setembro de 1925, p. 1.

Postais do Mar

IV

... E para o norte da praia, na maré baixa, os penedos levantam a rugosidade do seu dorso, bebem o sol sofregamente, ajeitam-se em recantinhos íntimos de namorados loucos!

E cada par que passa saltitando em alvoroço de fraga em fraga, gritando aleluias, e cada casal juntinho que cisma romances medievais, vendo a onda morrer cansada e branca, os bandos coloridos de aves irrequietas que gorjeiam na maresia alta —, vão baptizando os penedos...

E os penedos têm nomes —, que foram dados no sentimento da ocasião, ao gosto de cada par!

Saudade, Martírio, Esperança... — que mais sei?!

Sei só que o Mar há-de voltar de novo... E sonhos, e castelos da beira-mar —, uma onda perturbadora os deu, e outra onda outonalmente fria os vai levando!

V

As praias são hoje espelhos multi-reflectores de grandes cidades nocturnas, com um único e banal pretexto diurno: — o mar.

Quem vive a praia?

Donas dos tempos idos cismando eras mortas, infantes loiros pisando a areia loira, na santa ignorância das eras que hão-de vir!

As praias são *vitruines*: — há mostruários de sedas tentadoramente quentes, cortando e recortando *les cent pas*, na Avenida da Beira-Mar.

Andam *flirts* zumbindo na arcada das sobranceiras, andam desejos poisando no beiral dos lábios rubros como lacre!

VI

E o *Jazz-band* venceu, e o *Jazz-band* é a moda. Três horas da manhã. Há pares que dançam friamente, na rigidez de formas estatuárias, num silêncio pesado de além-vida!

E vejo ainda o teu sorriso altivo, desdenhoso, duma beleza de enigma, quando afirmavas, minha desempoeirada amiga: — «a dança é o madrigal, é a palavra composta e ritmada em notas musicais! A dança é uma curva indefinida, sonhada apenas e traçada nunca! —»

E eu discordei de ti, em nome das Ciências exactas e analíticas que professo: — há curvas que eu saberia achar, tomando o meu desejo para eixos, e para coordenadas correntes os meus beijos...

Povoa, Set.

M. C.

O Povo do Norte, Vila Real, 13 de Setembro de 1925, p. 1.

Asas triunfais

Comecei estas desprezensíveis crónicas com um resumo muito pálido e muito vago da impressão que me causou no Porto, a recepção aos aviadores portugueses que primeiro tocaram em terras irmãs de além-Mar.

Lembro ainda, numa lembrança imorredoura, a ansiedade estranha e alta da alma de Portugal, vibrando intensamente nessas horas angustiosas de incerteza, em que a finalidade da arrojada era uma hesitante dúvida, um grande ponto de interrogação.

Hoje, anos volvidos, à hora a que escrevo, asas lusitanas também, tentam a mais formidável etapa da aviação: — ligar, num voo só, o continente africano ao continente americano.

Que o bom e doce Deus antigo, que levou outrora as caravelas das quinas às plagas esquecidas do Oriente, seja com elas e as beije com sua graça e os leve ao seu destino!

De novo, a ansiedade vibra, ascensionalmente, em cada peito! Procuram-se, com sofreguidão, notícias que tanto tardam... E a alma de Portugal ajoelha e reza, confia e espera!.

Grande povo, generoso povo, imorredoura Pátria!

Pois bem. Que o sacrificado e heróico exemplo daqueles que querem levantar mais alto o nome deste cantinho ocidental —, frutifique em nós, caia em nós como a aleluia duma vida nova, e torne internamente Portugal o mesmo Portugal que as asas triunfais irão levar a todo o Mundo!

M. C.

Ser poeta...

Com a ingenuidade tão maliciosamente feminina dos teus quinze vitoriosos anos de adolescente, perguntas-me, minha amiguinha, o que é ser poeta. Mais pelo prazer espiritual, tão íntimo e tão doce, de conversar contigo, do que pelo desejo de alinhar palavras sobre tão extenso e complexo assunto, eu vou tentar satisfazer a tua curiosidade. Ser poeta é... Não, é preferível não começar pela definição que a filosofia popular tão bem traduz, levando à testa o indicador da mão direita e apontando depois aquele desgraçado astro que anda há mil anos já em volta da terra, a arrastar-lhe a asa...

Sem definir, pois, alguns exemplos. Os teus olhos são verdes, como tens ocasião de constatar, minuto a minuto quase, no pequenino espelho que, há um ano já, trazes sempre contigo. Pois um poeta, dentro em breve há-de dizer-te: — Os teus olhos são tranquilíssimas alvoradas onde as pupilas inquietas cantam como doidas cotovias; são ondas dum quimérico mar alto onde os beijos, caravelas de desejos, quereriam ir naufragar; são pétalas verdes caídas em dois copinhos de leite... Os teus cabelos (ah, uma nota: — antigamente também eram ondas dum mar revolto) os teus cabelos agora, são um arminho de volúpia no pedúnculo alabastrino do teu pescoço... Os teus dentes, são pérolas caídas dum colar antigo... A tua voz foi adivinhada por Grieg e plagiada para a ternura final da *Mort d'Ase*... As tuas mãos, tão pequeninas e gordinhas, com essas covinhas engraçadas, — são esguias, longas, aguçadas como ogivas...

— Inútil será dizer-te que se os teus olhos tivessem outra cor e os restantes pertences fossem diferentes, havia também fórmulas especiais e adequadas para os caracterizar.

Ser poeta, é ser o cantor da Primavera. Tu sentiste com mágoa

o vendaval desfeito destes últimos dias. Mas o poeta diz-te que há pétalas perfumadas vertidas pelos atalhos; que há luz divinamente irisada, que há a música sinfónica dos ninhos, que há orquestrações wagnerianas de cor nas encostas floridas...

Ser poeta, é dar vida e alma às coisas mortas: — as pedras inertes onde poisas, andando, os teus pezitos, choram e sofrem também... Não pela dor da leveza do teu peso, mas pela saudade infinitamente magoada e dolorida de as não pisares mais vezes...

Ser poeta é... Não, não quero endoidecer nem perturbar a tranquilidade dos teus quinze vitoriosos anos de adolescente. Ser poeta é ser tudo isto e muito, e muito mais ainda!

Enfim, os poetas são os cultores das mentiras tão rendilhadas que até parecem verdades; são, depois das mulheres, os detentores perigosos da leviandade; uns loucos, uns divinos loucos, afinal, em que espero e confio não acreditarás nunca...

M. C.

P. S. — Só agora me lembro de que faço versos às vezes e de que meia dúzia de amigos (uns que me devem dinheiro, outros a quem tenho feito acrósticos para as respectivas namoradas) me chamam lisonjeiramente poeta. É claro que eu não os acredito. Peço-te no entanto que me acredites tu. Bem sabes que não há regra sem excepção. E, sem que eu seja um poeta excepcional, sou no entanto uma honrosa excepção à lei em geral dos doidos poetas que acabo de definir...

M. C.

O Povo do Norte, Vila Real, 27 de Março de 1927, p. 1.

Senhora da Piedade

Numa vasta região planáltica, cortada brandamente por ondulações suaves, ergue-se num maciço luxuriante de verdura, o pitoresco monte da Senhora da Piedade.

Toricolados caminhos de caprichosos zig-zagues, ensombrados atalhos por entre a ramaria espessa das acácias e das mimosas, vão subindo numa doçura de curvas, até ao alto onde se levanta a ermidinha da Santa, branqueado pombal de ternura e de encantamento.

Em baixo, nesta hora dum poente ruivo em que escrevo, o casario amontoado da aldeia despertou do seu sono letárgico da tarde morta: — levantam-se ao céu, como mãos erguidas numa prece muda, espirais de fumo, doces como uma oração cristã, brandas e leves como uma ternura de criança...

E lá para longe? Olhai. Perde-se a vista na distância dos horizontes.

A pupila alarga-se e entontece-se na bizzarria variada de tanta cor. Vinhedos pujantes seguram as ondulações suaves das encostas, espraíam-se em mar alto nas planuras fecundas, casam-se com os milheirais nos vales, onde há murmúrios de águas correntes!

Em toda a roda, nas meias tintas que o poente crescendo começa a pincelar, há manchas brancas de mil aldeias distantes, perdidas nas vertentes de enegrecidos montes!

E lá para mais longe, onde o céu se abaixa mais por sobre a terra, o sol deixou os laivos ténues de sangue na cumeada altiva do Marão que se adivinha apenas, como uma sombra fantásmica de gigante que a noite torna maior ainda!

Vibra mais alto, no silêncio desta hora, a chocalhada dos gados que descem aos currais. Ranchos de trabalhadores cruzam-se nos caminhos, abençoando a santa que os protege e os defende. E lá do alto da ermidinha, numa vibração harmónica de encantamento e de ternura cristã, a sineta soluça, nostalgicamente, as badaladas do fim da tarde...

Sanfins, Agosto.

M. C.

O Povo do Norte, Vila Real, 14 de Agosto de 1927, p. 1.

Inda existe?

Esta carta, como a curiosa vinheta... negra que a intitula parece indicar, não é uma carta literária. Longe disso estiveram sempre as minhas linhas — pobrezitas! Inda existe, era uma pergunta que a mim próprio fazia em tantas e tantas horas de meditativa concentração. Vila Real, a encantada princesinha de Trás-os-Montes, a soberana e altiva rainha de dois rios que a abraçam furtivamente e que se despedem a medo, chorando saudades nos murmurantes açudes, — Vila Real, pelos poucos jornais que li, pelas informações que ao acaso fui colhendo, tinha morrido, era uma sombra apenas...

Ainda existe Vila Real? E a pergunta eterna causticava-me, apossava-se de mim, tomava-me todo! Em meus olhos visionários de pintor que pinta com palavras, os soldados, os rudes Maneis serranos, eram fantasmas de lembrança, soluçando em seu nostálgico quebranto:

«Nos dias que te não vejo,
Meus olhos são duas fontes...»

No Jardim Público, onde a banda marcial nunca mais fez vibrar clarins, ao roçar gentil de sedas de Mulher, o torturado Camilo, olhando torvamente a relva do pedestal, sentia a mágoa indefinida de não se poder suicidar uma segunda vez!

A estação ferroviária tinha mudado para bem longe. Não recordo bem se para o Norte se para o Sul. O Liceu, não existia já. Bigodes hirsutos dum amigo, arrepelaram-me os ouvidos, numa surdina: — em baixo (em baixo, é Lisboa) pensa-se em eliminar catorze Liceus; Vila Real, está na conta...

E, trinta dias depois de a deixar, voltei saudosamente à princesinha de Trás-os-Montes. Ajeitei os meus óculos à guisa dos do *Dr. Tópsius* da *Relíquia* do heráldico Eça, para ver ruínas só, relíquias apenas... O meu aspecto devia aparentar talvez o constrangimento dum viúvo que recebe pessoas de cerimónia no dia do enterro...

E percorri as ruas, e observei as caras dos transeuntes, e ouvi os comentários dos grupos que se formavam nas esquinas das ruas... E a pergunta eterna queimava-me a ideia: — «Ainda existe?»

Existe sim. Vila Real há de viver sempre! Morrer, é perder sangue. E Vila Real não pode verter inutilmente a sua energia viril, porque tem de cedê-la, graciosamente, à indiferença que a si própria impôs...

E percorri as ruas...

— «Senhor F., gritou-me o bom Agostinho, o adorável Agostinho da Imprensa, olhe que amanhã é dia de crónica... —»

Crónica? Palavras?, para quê?

Que assunto hei-de arranjar? E atirei-me para o *Café*.

O Diogo, conhecem?, o Diogo do *Club* disparou-me à queima roupa com o melhor e mais equívoco dos seus sorrisos:

— «*vai uma Coimbra, ou vai um cafezinho*, sr. F.?

— Um café, café apenas... — »

E resolvi, afinal, não escrever a crónica, — crónico aborrecimento dos poucos leitores que têm a coragem de me ler...

Agosto

M. C.

O Povo do Norte, Vila Real, 21 de Agosto de 1927, p. 1.

A estação dos livros

Os livros, frutos do espírito, têm, como os restantes frutos, a sua estação própria de maturação e de colheita.

Depois do Verão, em cuja lembrança vibram ainda evocações do Mar murmurando segredos à penedia rude da praia, depois do Verão onde há lembranças tão fugitivas e tão imorredoiras de cantantes e espessas ramarias, — vem o Outono com a sua impiedade doce e fria de abandono e de tristeza, vem o Inverno, patriarcal velhinho de barbas brancas...

E, então, porque as cidades se enchem e se povoam de novo, nas bizarras montras dos livreiros, acotovelam-se livros vaidosos do colorido das suas capas e inconscientes, tantas vezes, na ignorância do seu recheio. O livro tem então a sua estação —, o livro vive enfim a sua vida, tantas vezes efêmera, dos segundos em que se abrem as suas páginas...

Na estação deste ano, até à data, pelo menos, a colheita do livro tem sido estranhamente escassa. Dizem-no-lo dum modo geral as notas bibliográficas dos grandes diários, e dum modo particularmente local as vitrinas dos livreiros da Cidade — confusos mostruários de chapéus de Senhora e de novelas, curiosos amálgamas de Músicas, Modas e bordados, com evangélicas figuras de santos, botões doirados de punho a brincar com contas de rosários, não benzidos, felizmente, e gordos números de lotarias tentando a sorte grande...

O livro escasseia este ano. Entretanto, a produção agrícola, segundo rezam as gazetas, é super-abundante. — Daqui uma pergunta natural: — haverá entre as duas produções uma relação

não estudada ainda? É possível. E, embora os poetas e prosadores
mo não perdoem —, eu creio que é da escassez... de ideias que resulta
a cópia larga de livros que constantemente produzem...

M. C.

O Povo do Norte, Vila Real, 20 de Novembro de 1927, p. 1.

Um crime

A ditadura militar que rege os nossos destinos, pode sossegar agora numa tranquilidade feliz: — acalmaram os boatos eternos e efervescentes de constantes revoluções, morreu dentro de cada ser descontente o micróbio feroz de represálias e de revoltas. Um outro facto culminante, mais alto se levanta: — o julgamento, em Lisboa, do assassino Augusto Gomes. Os jornais, desde os mais circunspectos e burgueses botas-de-elástico, aos mais exaltados e vermelhos panfletários, enchem as suas páginas com o relato minucioso das ocorrências do tribunal. Nada falta: — fotografias, caricaturas, comentários jocosos, apartes jornalísticos, notas mundanas, fantasias de profissionais da Imprensa buscando à porfia a nota aguda que mais faça vibrar e tremer a ávida e insatisfeita curiosidade do público leitor. E a atenção geral está toda presa numa emoção crescente, flutua e vive e respira apenas no ambiente deste crime.

O assassinato em questão se não é banal, não é tampouco único, nem o mais horripilante de todos os que se têm dado. Para que enumerar? Dentro de todos nós, vive a lembrança de tantos e tantos crimes, antigos ou recentes, praticados canibalescamente com requintes sangrentos da maior ferocidade. E, no entanto, os jornais referiram-se a eles no obrigatório dever de bem informar o público, dedicaram-lhe as notas sucintas da reportagem oficial —, sem que lhes dessem a forma, como agora, de rocambolesco folhetim que ficaria bem no rodapé das gazetas, ou que completaria alguns capítulos embrulhados de *Xavier de Montépin* ou de *Émile Richebourg*, tão sofregamente lidos em todas as adolescências...

O que há de novo neste crime para a tal ponto aguçar a fina

sensibilidade do público e para tão alto e tanto em foco frisar a figura do protagonista? A diversidade e o misteriosismo dos meios que foram usados?

Não. Encontramo-los, infelizmente mais estranhos e mais complexos, em tantos e tantos casos. Que resta então? A importância, o papel social do autor... E somos obrigados a confessar, que crimes idênticos, embora imparcialmente e judiciosamente julgados em igualdade de circunstâncias, cavam no público não a única e admissível impressão de repulsa e de revolta, ou de compaixão tantas vezes —, mas a impressão condizente com as figuras que desempenharam os papéis da tragédia...

Quer dizer-se: — um crime não vale pelo seu valor absoluto; vive apenas pela sua relatividade. E porque os juizes e os advogados e o público são homens, e como todos os homens sujeitos às caprichosas leis sensíveis da Natureza —, a figura do assassino Augusto Gomes teria sido a dum banal tipo de romance dolorido e lacrimajante, se o seu instinto de cinismo lhe não houvesse ofuscado, na altura precisa, as qualidades de actor — de actor que a publicidade ergueu...

Nov., 25

M. C.

O Povo do Norte, Vila Real, 27 de Novembro de 1927, p. 1.

T. S. F.

... Esta coisa de ouvir em sua casa, à hora de jantar, a qualquer hora afinal, músicas de ópera e de zarzuela e de dança, vindas de longe — desses Paris de Londres de que vagamente tinha conhecimento — encantava-o sobremaneira! Na repartição do Estado, onde documentos e requerimentos e ofícios adormeciam à espera de despacho e do visto que o Ministro não podia escrever por falta de vagar para ser Ministro — na repartição do Estado, José Folgado, mangas de alpaca luzidia, devorava as revistas da Telefonia sem fios, na ansiedade dum melhoramento maior e mais fulminante!

Pelo uso, ele que sem esforço conseguiu eliminar na sua vida de funcionário todo o trabalho que se prendia com o seu funcionalismo, — acabou também por eliminar no seu aparelho de T. S. F., todos aqueles sons estranhos, parasitas, irritantes como um ranger de pano cru, enervantes como as abstenções políticas daqueles que nos falam num último elenco ministerial...

E José Folgado folgava num sonho alto!... Ouvir outros países, nas manifestações de arte, — era banal já. Ele encolhia os ombros. Uma ideia maior o preocupava. E, embora o leitor não me acredite, à semelhança do cura da «Velhice do Padre Eterno», o José Folgado... perdera o apetite!... Minava-o, esmagava-o um sonho revolucionador: — falar com os seres de além-túmulo, não através da mesa pé de galo tão burguesa e embruxada, — mas por meio da T. S. F.!

Era crente. — «As almas pairam no espaço. Vivem. E porque vivem, não se podem manter inertes, indiferentes ao progresso. Afonso Henriques por exemplo, deixou a armadura de aço e veste com elegância uma impecável casaca e lê com naturalidade as

notícias de sport.» — Etc. E José Folgado, pacientemente, nas horas vagas da repartição e nas horas ocupadas de casa, construía o seu aparelho — obra gigantesca de mecânica, de misteriosos fios, de solutos nunca lembrados, de extraordinárias combinações!

Tudo pronto. Meia noite. Só, diante do complicado engenho, José Folgado tremia. As antenas, lá fora, açoitadas pelo vento, vibravam.

O artista, tinha a consciente certeza da sua descoberta. Uma deslocação de comutadores — e os seres vivos de além túmulo falariam. Hesitou, — aguardando que o relógio repetisse a meia noite. Enfim!

... e uma voz metálica, áspera, sibilante, enrouqueceu o *haut parleur*: — «José Folgado!, sou eu...»

— A murro, a pontapé, à dentada, o engenho foi reduzido a sucata pelo consciente funcionário do Estado, num instante!

... É que, nessa voz de além túmulo, José Folgado reconheceu a fala da Sogra que há dois anos e 8 dias, — sobre-casaca brilhante e alto chapéu de seda — gostosamente tinha acompanhado à provisória morada dum jazigo de cemitério...

M. C.

O Povo do Norte, Vila Real, 22 de Abril de 1928, p. 1.

Cancioneiro Popular de Vila Real

Na ignorância cultural do povo, há uma inteligência perspicaz e arguta, há uma intuição profunda e íntima dos mais estranhos sentimentos. Pondo de parte obscenidades de linguagem frequentemente usadas, o povo tem, nos seus dizeres, enquanto moureja a terra, conceitos que, vestidos embora numa roupagem pobre e rústica, são duma filosofia admirável.

Há sínteses de pensamento e de forma que fariam a glória dum literato regionalista. E esta síntese e esta forma aparecem a cada instante nos seus deliciosos cantares. Quem não os ouviu ainda?

Pelas vindimas — opulenta e bizarra festa pagã —, pelas ceifas, quando o sol a pino põe reflexos sensuais e felinos, — nos olhos sensuais das raparigas, — nas fontes e nas levadas onde a roupa vai corando —, por toda a parte, enfim, em cada quadra do ano, seja de dia nos campos, ou seja de noite, em noites quentes de luar, nos arraiais ou nas desfolhadas — o povo canta, canta sempre! Quadras de amor, ora impregnadas dum sentimento religioso e bom, ora alfinetadas de luxúrias e pecadilhos; esperanças e desalentos, alegrias e tristezas, lugares de saudade e de lembrança onde um amor nasceu, invocações de além-Mar para os que andaram sobre as ondas, líricas orações a santos predilectos, bairrismos de lugarejos e de freguesias — e quantas, quantas coisas mais, santo Deus! —, tudo perpassa, ora vincado fortemente de ironia, ora adoçado na subtilidade dum sentimento honesto e puro, nos deliciosos cantares do povo!

Transcrever quadras! Argumentar com exemplos? Mas é inútil, — tantas e tantas elas são! Muitas — esplêndidas de conceito, e pobrezinhas de forma, com arestas cortantes e duras, que de

boca em boca, de terra em terra, a alma lírica e poética do povo vai limando e vai suavizando. Outras, perfeitíssimas, adoráveis modelos rítmicos...

Ora vejam:

Numa cruel despedida,
Não sei o que hei-de fazer:
Levar-te, não é possível,
Deixar-te, não pode ser!...

Não sei que amor é o teu,
Nem o posso entender:
Ao perto, olhas p'ra longe,
Ao longe queres-me ver.

Meninas, tende cuidado,
Vede bem por onde andais,
Que a honra é como o vidro:
Quebrando, não solda mais...

Falas de mim, falas doutra
Mas não vês a tua casa...
Pois, quando a minha fumeça,
Já a tua está em brasa.

E quantas mais, quantas!, que o povo bom das nossas terras vai desfiando e vai tecendo, sentidamente, amorosamente!

... E foi com amor, com cuidado e interesse que o falecido Dr. Luiz Esteves de Aguiar, de Parada de Cunhos, as foi copiando, para o seu «Cancioneiro Popular de Vila Real», saído agora a lume, com um prefácio do ilustre professor Dr. Augusto C. Pires de Lima.

Ler o livrinho todo —, é retemperar a alma e o espírito combalidos nas lutas febricitantes e bizarras da vida louca que passa —, com o tónico admirável, rústico e simples dos dizeres populares dos humildes das nossas terras!

M. C.

O Povo do Norte, Vila Real, 10 de Junho de 1928, pp. 1-2.

Reportagem

Por um triz que o não apanhávamos já: — Santo António, barrete de passa-nuvens afivelado sob o queixo, luvas brancas como o arminho das asas angelicais, subia para a carlinga do avião possante que o ia conduzir ao Céu. Abordámo-lo numa ansiedade ofegante, numa surpresa angustiosa:

— Então regressa já, Santo António? Descontente com as festas em sua honra? Ofendido, por acaso, com algum acto menos próprio da sua dignidade?

— Por amor de Deus —, começou o Santo acendendo um perfumado «Melior» na luz amarelada dum isqueiro contra vento. Nada disso. Eu regresso satisfeitíssimo. Nem tanto merecia talvez. Os santos vão perdendo o seu prestígio...

— Por falta de milagres? — arriscámos...

— Sim, uma das grandes causas é essa.

E no entanto vocês desconhecem que o Céu, como Portugal, atravessa também uma grave crise. Daí resulta, para evitar a saída de ouro, que só em circunstâncias muito especiais é que os funcionários celestes podem passar as fronteiras da metrópole das estrelas...

— Ainda bem que não vai insatisfeito.

— Repito-lhe que não. As festas excederam toda a minha expectativa. Foi pena até que os correspondentes desta cidade para os grandes diários do Porto e de Lisboa, houvessem sido tão avaros, tão económicos nos seus telefonemas.

— Mas por aí perguntava-se, em pleno período cronológico de festanças, quando é que chegavam as festas da cidade?!

— Blague, pura e pouco saborosa blague, meu amigo. Esta terra foi sempre mordaz na crítica, e contudo, se se exigisse dos críticos

um pouco de esforço e de trabalho eles acobardavam-se e fugiam... Criticar, destruindo, é mais fácil e mais cómodo do que construir. A crítica tem sempre, para lacerar, as suas garras abertas: — quer seja à mesa dum «café», quer seja no ambiente medicinal duma botica...

Que mais queriam? Eu sei que a maravilha dos automóveis modernos, arrasou a feira do gado cavalar — hoje ao serviço apenas de quem é pouco escrupuloso na limpeza e na saúde. Eu sei que a crise vinícola afastou muita gente. Mas no entanto, não andam por aí acotovelando-se por todas as ruas, milhares de forasteiros? Não reparou ainda no seu aspecto luzidio e satisfeito pelos atractivos com que a cidade os mimoseou? Não tem a cidade um ar, um ambiente musical, barulhento e pirotécnico de festa e festa rija? Que mais queriam, portanto, os críticos, os destruidores?

— Que impressões leva da Exposição de rosas?

— Esplêndidas! Na Avenida, durante o arraial, no Chiado (original e inédito número de festas) havia rosas... — (e Santo António reparando que o anjo que estava ao volante começava a corar escandalosamente, rematou ao meu ouvido)... havia rosas capazes de fazerem a perdição dum Santo!

— E que nos diz da inauguração do metro?

— Do metro?, Ah! sim. A princípio, quando li no número único do Jornal «o 28 de Maio» a notícia de que em Vila Real a Comissão Administrativa, entre outros melhoramentos, tinha construído um metro julguei que se tratasse dos de andar, dos metropolitanos. Afinal quando cheguei, verifiquei que se tratava dos outros...

— Dos outros? — cortámos nós surpreendidos...

— Sim, dos outros. Olhe que eu também conheço a história do metro.

(E Santo António piscava o olho, marotamente...)

— De modo que, continuou, sabendo o que era, há-de concordar que a sensibilidade da minha pituitária, não se conformaria com a inauguração desse subterrâneo melhoramento.

— E que nos diz de...

Mas nisto, o anjo que ia ao volante, elucidou:

— Mestre!, são quatro horas. Uma nuvem de aviões ensombrará logo a cidade. São horas de partirmos afim de evitar qualquer desastre. Nos regulamentos celestes não se dá ainda a esquerda, e eu receio atrapalhar-me...

... E Santo António, sorridente, estendeu-me a mão enluvada de branco e tomou lugar na carlinga.

As hélices cortaram o ar numa ventania feroz. E num arfar de motor possante, o avião perdeu-se, poucos segundos depois, no azul levemente manchado do infinito!

M. C.

O Povo do Norte, Vila Real, 17 de Junho de 1928, p. 1.

S. João

S. João, p'ra ver as moças
Fez uma fonte de prata...

.....

.....

... E toda a santa noite, uma noite morna de Verão, picada de
lumes coloridos —, vozes unidas numa voz apenas, elevam-se
alegremente em volta das fogueiras, onde há descantes e onde há
bailados!

Noite de S. João! Noite da mais infantil e íntima saudade, noite
da mais suavíssima lembrança...

Os olhos das crianças são Kodaks que impressionam, na
plasticidade mole das suas consciências, e da sua memória, películas
que o tempo, longe de apagar, mais revela a cada instante, em
detalhes de nitidez!

... Nos largos, onde há canteiros completos de perfumados
craveiros que os rapazes roubaram à porfia, logo à boca da noitinha,
de janelas desprevenidas, rústicos repuxos cantantes, à luz vermelha
e crepitante das resinas — fazem cantar a água fresca e abençoada...
E na noite morna, picada de lumes coloridos, as vozes elevam-se
mais alto, as figuras agitam-se mais, desarticulam-se mais, em redor
das fogueiras:

... e as moças não vão à fonte,
S. João todo se mata...

.....

.....

À boca das minas velhas, abandonadas, tenebrosas, onde há silveirais em flor, fiam novelos de ouro em suas rocas de prata, e cantam cantigas mágicas, as encantadas princesinhas mouras!

Tende cuidado, raparigas! Nos telhados, ao abrigo de olhares indiscretos, há copos de água com bilhetinhos e com claras de ovo —, que logo ao romper da manhã, alvoroçados corações de raparigas, irão examinar num sobressalto. Papelito aberto com o nome dum D. Sebastião do seu desejo, clara de ovo formando, ao sabor da sua fantasia, ora um barco veleiro aproando em terras doiradas de além-Mar, ora uma capelinha branca de noivado...

E quando o sol desponta, entre nuvens cor de rosa, fazendo esmorecer o aroma dos cravos sangrentos e dos verdes manjericões, — as vozes cansadas já, em redor das fogueiras mortas, onde só bailam cinzas, — as vozes empalidecem também, num murmúrio:

— Ó meu S. João da Ponte,
Ó meu santo marinheiro:
Leva-me na tua barca,
Lá p'ró Rio de Janeiro!

M. C.

O Povo do Norte, Vila Real, 24 de Junho de 1928, p. 1.

S. Pedro

S. Pedro, o santo mais querido pelo povo, porque é ele que guarda, zelosamente, as chaves das portas do Céu, o santo cujo nome anda de boca em boca ligado a anedotas, nem sempre santas e tantas vezes políticas —, o santo este ano, na sua visita a Vila Real, foi recebido apenas lá para as bandas da Estação. Fomos encontrá-lo, numa ligeira fuga dos descantes e das folias, debruçado nas grades da Rotunda, sobre as águas frescas e espumantes do Rio.

— Isto é bonito, — começou ele, limpando o suor da calva reluzente, olímpica, e apontando a paisagem em redor —, isto é mesmo muito bonito! Em baixo o Rio, mordendo a rocha viva, em ímpetos que o Verão, lentamente, vai enfraquecendo...

Em volta, socalcos de fraguados, com pinceladas doces de verdura, onde talvez a água das regas vai cantando! Nos longes, montes e mais montes, que a noite avizinha mais, que a noite torna mais amigos, mais queridos — montes que a esta hora, longe de olhos e ouvidos indiscretos, contam lendas e histórias, rezam baladas de amor talvez, sei lá!

— Bravo!, exclamámos entusiasmado. Que linda tirada poética, S. Pedro! Vinde, vinde ver a cidade. O calor aperta. As raparigas, nos seus folgares, já têm todas par. Não notarão a vossa falta. Bebe-se uma cerveja entretanto. O Diogo, no *Club*, tem-nas em gelo para todas as temperaturas...

.....
.....

Há agora uma lacuna na entrevista. Afazeres profissionais, a balbúrdia da multidão que se dirige a Fátima, lá para os lados do

Pioledo, fizeram-nos desencontrados. Perdi o Santo de vista!

.....

.....

Desespero de o lobrigar de novo. Olho o relógio da Sé. Uma hora num dos quadrantes e uma e um quarto no outro. Tomo a média das horas, resolvo heroicamente, confrangidamente, desistir da entrevista —, quando o Santo aparece, furibundo!

— Você —, lampejou, faiscante —, é um traidor, é um...

Santo! —, vibrámos numa surpresa indignada.

— Venho cansado, gasto, enervado! Trago nos ouvidos um pavor de músicas discadas... Estou farto! Entrei num relojoeiro para afinar a máquina do meu Omega —, e zás, gramofone. Estiraço-me na cadeira dum barbeiro para espontar a barba — gramofone, Entro noutro relojoeiro —, gramofone. Compro cigarros adiante —, gramofone. Peço uma cerveja mais além —, gramofone!! Irra!, estou farto. Veja você, que escândalo: — já começo o trautear os fados da Adelina Fernandes e as coimbradas do Menano sem querer, inconscientemente! É obsceno até, não acha?

Concordei. Arrastei o Santo para a Avenida, garantindo-lhe:

— «aqui ao menos estará sossegado, tranquilo»! — Nisto, duma casa ao lado, meia dúzia de aparelhos fónicos, simultaneamente, atordoam os ares...

Iracundo, os olhos chamejantes, o Santo levanta-se num salto, de repelão, e desaparece...

.....

.....

Nova lacuna. Que entrevista infeliz!

.....

.....

Nove horas e 7 minutos e meio (9 e 9 e um quarto, nos dois quadrantes de S. Domingos).

Sorridente, o Santo, distribui as gorjetas pelos criados do Hotel.

— Dormi bem —, elucidou, desculpando-se. Estou bem disposto. Parto já. Apenas espero... Ah!, já vem ali.

Um garoto avançava sobraçando um grosso volume embrulhado em papel castanho.

— Obrigado, rapaz!, pega lá. — E S. Pedro tirou da algibeira do colete duas moedas. Vem tudo o que te disse?

— São pasteis de Santa Clara?, — perguntei eu curioso.

O Santo ficou uns instantes embaraçado, acariciando com os olhos o volume acastanhado. Depois, olhando em volta, ciciou-me ao ouvido:

— Não diga nada. É um gramofone. E levo discos do Menano e da Adelina

— !!!??...

M. C.

N. A. — Porque o gramofone do Santo vinha embrulhado, não vi a marca do aparelho. É uma prevenção aos mal intencionados que poderiam julgar haver nestas linhas verdadeiras, qualquer nota de reclame...

M. C.

N. R. — Embora pareça estranho aos nossos presados leitores, ter este jornal o exclusivo das entrevistas com pessoas categorizadas, como o são os santos, declaramos que só anda de bem com os santos... quem o merece!

O Povo do Norte, Vila Real, 1 de Julho de 1928, p. 1.

Seis frades

Não repararam nunca?

Ao longo das estradas, nos despenhadeiros abruptos que a Natureza criou para encantamento, ora suave, ora aterrorizador dos olhos — a mão do homem, providentemente, mandou erguer uns marcos de pedra mal lavrada, que avisam do perigo o transeunte... velocipédico.

O povo chama frades a esses marcos.

E os enfiados, abandonados, tristíssimos postes de pedra —, na mudez da sua eloquência, falam alto, tardes inteiras, longas noites inteiras, nos desastres que, por eles, se evitaram, nas vidas que, por eles, têm sido salvas.

Abençoados marcos, divinos marcos, benditos frades — que de frades têm o nome apenas...

Anda de boca em boca, por toda a parte, num orgulho que de orgulho nos enche a nossa alma transmontana, toda a nossa alma portuguesa, justificadamente egoísta; anda nos livros, nos livros recomendados e são e honestos que tratam das belezas de Portugal; anda,... anda por toda a parte, afinal, sem anúncios pagos à linha nas gazetas, sem recomendados e encomendados reclamos fotográficos, esta dialogada certeza:

— Vila Real, conhece?

— Ah!, sim, passei por lá um dia... Uma hora apenas...

— E «atrás do Cemitério», foi?

— Irrisória pergunta. Quem vai a essa linda vila transmontana, sem dar esse adorável passeio obrigatório?

E o diálogo estende-se largamente, demoradamente, num entusiasmo crescente. São lembranças imorredoiras de montes,

montes, mais montes que se perdem nos longes, que se chocam —, mas que se beijam; são impressões de rios que cavaram fundo na nossa memória eternos sulcos; são combinações de luz, tão harmonicamente estranhas, que não há paleta que as possa reproduzir; são aldeias que se perdem na distância, como brancas pinceladas, sob a mancha diáfana e azul dum fumo leve que vai subindo aos céus...

Seis frades —, eis o título destas linhas. Fugi deles, inconscientemente. Divaguei sem querer, afastei-me do assunto religioso que me propunha.

E são horas de terminar.

Frades... marcos de pedra...

Frades... E o maravilhoso panorama de «atrás do Cemitério» está cortado agora, manchado barbaramente, por seis — três de cada lado.

Hirtos, atravessados nos caminhos, assassinos da beleza, expostos à chuva, ao frio, ao vento impiedoso —, que caridade, Jesus!, é que impede que esses penitentes frades tão humildes, tão toscos e tão inconvenientes —recolham a um convento em construção, para servirem de poiais a três janelas monásticas?

M. C.

O Povo do Norte, Vila Real, 18 de Novembro de 1928, p. 1.

O Marão move-se

Não é um reclamo americano; não se trata dum cartaz vibrante, bizarro, opulento de cor e de curiosidade; não é um grande ponto de interrogação na primeira página dum jornal colosso, em dias sucessivos; não é o anúncio, em *placards* proibidos, dum livro que suscita interesse e que vai causar escândalo; não é a morfina espicaçadora de sonhos orientais, adormecedora, de lânguidas visões em loucas e desvairadas cabeças; não é tampouco o terror dum cataclismo geológico...; é uma grande verdade:

O Marão move-se!

A lenda do Marão!

Era uma vez — é sempre assim, no encanto das lareiras, que as histórias principiam...

Era uma vez um gigante romano; avassalou o mundo, ergueu a sua tenda, imperadora e errante, em todos os pontos do velho continente.

Foi grande, foi semi-deus — e teria mesmo subido de posto até ao lugar de Deus — se os deuses, para o poderem ver, não tivessem de pôr de parte essa banalidade comum chamada morte.

O gigante morreu; o gigante conheceu, em vida, as mais longínquas terras do velho continente; correu países vários; embarcou em galeras quiméricas e fantásticas, ao sabor dos ventos, com mares encapelados.

Envelheceu. Criou cabelos brancos.

... E num dia tristíssimo de Inverno, quando o gelo eriçava o pêlo dos lobos que uivavam lugubrememente, — o gigante moribundo pediu que o amortilhassem entre o Minho e Trás-os-Montes, voltadinho de rosto para as terras do sol nascente...

Séculos e séculos passaram, numa quietação de morte...

Mas porque os gigantes não morrem eternamente, o Marão, há tanto e tanto adormecido, começa a ressurgir.

O Marão move-se!

Do alto da sua torre fragosa, rude, áspera, abrupta — contemplou numa amargura crescente a inércia, a pálida anemia das suas terras — das terras tão queridas entre quais quis ser amortalhado.

Do alto da sua torre fragosa, rude, áspera, abrupta — o Marão vai acordar as energias adormecidas das terras de Trás-os-Montes que Vila Real domina.

O Marão vai despertar os ecos esquecidos com o seu brado de guerra — que é no fundo o mais querido, o mais desejado grito de paz e de vida e de ressurreição: —

«Para cá do Marão...»

M. C.

O Povo do Norte, Vila Real, 25 de Novembro de 1928, p. 1.

Índice

Introdução	5
[Meu velho Portugal aventureiro].	13
[Viagem triunfal dos aviadores ao Norte].	16
Em férias.	18
Em viagem	20
Aniversários	22
[Notas soltas]	25
[Estes ares são fortes]	27
Luto.	29
[Foz do Douro].	32
Em viagem	34
Em férias.	36
Carvalho Araújo	39
Carta	41
O Castelo.	44
Carta de Bragança	46
Natal	49
Notas soltas	51
Postais do mar	53
Postais do Mar	55
Asas triunfais	57
Ser poeta...	58
Senhora da Piedade	60
Inda existe?	62
A estação dos livros	64
Um crime	66
T. S. F..	68
Cancioneiro Popular de Vila Real	70

Reportagem	73
S. João.	76
S. Pedro.	78
Seis frades.	81
O Marão move-se.	83

